

EDILEUSA GIMENES MORALIS

Dialetos em Contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística
do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas, como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Orientador(a): Prof^ª.: Dr^ª. Tânia Maria Alkmim.

Campinas - SP

2000.

I



UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

06/02/90

UNIDADE	B.O.
N.º CHAMADA:	II UNICAMP
	M792d
V.	Ex
TOMBO	11/44219
PROC.	16-89210-1
C	<input type="checkbox"/>
D	<input type="checkbox"/>
X	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	27/10/01
N.º CPO	

CM-00155019-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M792d	<p>Moralis, Edileusa Gimenes</p> <p>Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas / Edileusa Gimenes Moralis. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.</p> <p>Orientador: Tânia Maria Alkmim</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Sociolingüística. 2. Atitudes étnicas. 3. Sentido (Filosofia). I. Alkmim, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>
-------	--

BANCA DE AVALIAÇÃO

Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Tania Maria Alkmim

Prof. Dr. Tania Maria Alkmim
orientadora

Prof.Dr. Maria Bernadete Marques Abaurre
suplente

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por *Edileusa Jimenes*

movalis

e aprovada pela Comissão Julgadora em

13, 03, 2001.

Tania Maria Alkmim

III

A Adelson por um sentimento nobre.

A Franthyesco pela ausência de mãe.

A Allehrandro (in memória) pela lembrança inspiradora.

A Otávio pela motivação inesperada.

Aos meus pais pelo sonho e pela crença.

A Deus razão maior.

Agradecimentos

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Pela orientação e respeito amigo: Prof^a. Dr.^a Tânia Maria Alkmim

Aos professores Valdir Heitor Barzotto e Joaquim Alves Aguiar, meus primeiros incentivadores para realização desta tarefa.

Pelas contribuições constantes ao trabalho:

Professor Roberto Leiser Baronas, Cássia Regina Tomanin e Paulo César Tafarello.

À todos os meus amigos de jornada, em especial, Ana M. Di Renzo, pelo apoio salvador.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UNEMAT; Coordenação do Mestrado Interinstitucional Capes / UNICAMP / UNEMAT - Dr. Eduardo Guimarães.

Pela bolsa de estudos: A CAPES.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I- Alto Araguaia: um pouco da sua história	11
CAPÍTULO II- Metodologia: trabalhos e métodos	16
2.1- O método escolhido	20
2.2- A elaboração do questionário-guia	25
2.3- As perguntas centrais	26
2.4- As perguntas periféricas	27
CAPÍTULO III- Atitudes Lingüísticas: os trabalhos existentes	28
3.1- Estudos sobre atitudes no Brasil	38
CAPÍTULO IV- O estudo: atitudes lingüísticas manifestadas	42
4.1- O araguaense: seu falar e outros falares	43
4.2- O araguaense frente a outros falares	46
4.3- O goiano: seu falar e outros falares	49
4.4- O goiano frente a outros falares	51
4.5- O mineiro: seu falar e outros falares	52
4.6- O mineiro frente a outros falares	53
4.7- O baiano: seu falar e outros falares	55
4.8- O baiano frente a outros falares	56
4.9- O paulista: seu falar e outros falares	58
4.10- O paulista frente a outros falares	60
4.11- O gaúcho: seu falar e outros falares	61
4.12- O gaúcho frente a outros falares	62
4.13- Todos sobre o falar araguaense	64
4.14- Atitudes lingüísticas X atividades ocupacionais	71
4.15- A constituição lingüística e cultural do araguaense	76
CAPÍTULO V- Conclusão	79
BIBLIOGRAFIA	89
ANEXOS	93

RESUMO

O presente trabalho visou verificar as atitudes lingüísticas de mineiros, baianos, paulistas, goianos, gaúchos e araguaienses, a partir de dois pontos de vista: 1° - atitudes sobre a fala de grupos lingüísticos de origens geográficas distintas, em contato dentro de uma mesma comunidade e, 2° - atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional de indivíduos.

Ao final da pesquisa, após ter analisado tais atitudes, os resultados indicaram que todos, com exceção do baiano, avaliam positivamente o próprio falar. E para o falar dos outros as atitudes se assemelham em alguns momentos e divergem em outros, com apontamentos de juízos de valor como: “bem”, “carregado”, “meticulado”, “ótimo”, “enjoativo”, “desenvolvido”, “autêntico”, etc. Quanto ao papel da linguagem, na atividade ocupacional de indivíduos, as atitudes indicaram que as interações dos indivíduos com seus interlocutores ocorrem de acordo com os interesses e objetivos de cada ocupação, onde o papel da linguagem é o de assegurar a manutenção da interlocução.

INTRODUÇÃO

Muitas são as discussões e pesquisas realizadas sobre diversos dialetos¹ brasileiros, mas a realidade lingüística de Mato Grosso tem sido pouco explorada. No que diz respeito aos estudos sociolingüísticos, a região matogrossense se mostra ainda mais carente. O presente trabalho se propõe a registrar, na cidade de Alto Araguaia – MT, atitudes lingüísticas de indivíduos araguienses e não araguienses frente a sua própria fala e à fala dos outros. A escolha deste tema, de natureza sociolingüística, se mostrou significativo pelo fato de a cidade de Alto Araguaia apresentar-se como uma comunidade que reúne migrantes de diversas regiões brasileiras, assim é que, num primeiro momento, mineiros, baianos e goianos, seguidos de paulistas, fundaram a Colônia do Registro do Araguaia, origem da atual cidade de Alto Araguaia. Mais tarde, já nos anos 70, chegaram indivíduos originários da região do Sul do Brasil (particularmente, do Rio Grande do Sul).

Como foi dito anteriormente, este trabalho procura investigar a questão de atitudes lingüísticas na cidade de Alto Araguaia – MT – neste sentido, procuramos identificar os juízos de valor que falantes de origens geográficas distintas – araguienses, goianos, mineiros, baianos, paulistas e gaúchos – fazem da própria fala e da fala dos outros falantes, do seu convívio diário. No universo destas origens geográficas diferenciadas, escolhemos indivíduos que, por exercerem certos tipos de atividades ocupacionais, são levados a manter constantes relações de interação com um grande contingente de pessoas.

Considerando a vida social da comunidade de Alto Araguaia, optamos pela seleção de

¹ O termo dialeto é utilizado, aqui, com o sentido de variedade geográfica, c.f. Fishman (1970). Aparece ainda, o uso dos termos - falar e falares – com o mesmo sentido.

informantes relacionados às atividades do comércio, política e agropecuária. Assim sendo, o presente estudo permite visualizar a questão das atitudes lingüística a partir de dois pontos de vista:

- de um lado, atitudes sobre a fala de grupos lingüísticos de origens geográficas distintas, em contato dentro de uma mesma comunidade;
- de outro lado, atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional de indivíduos.

Como docente da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, consideramos relevante pesquisar um dado da realidade regional, que se articula com os interesses da pesquisa nacional, no sentido de que permite não só ampliar o conhecimento da situação lingüística brasileira como o tratamento de um tema – “as atitudes lingüísticas” – de grande interesse no campo dos estudos sociolingüísticos.

A cidade de Alto Araguaia, atualmente com cerca de 15 mil habitantes, localiza-se na região sul do estado de Mato Grosso, a 400 KM de Cuiabá. A cidade está situada à margem esquerda do rio Araguaia, divisor de fronteira entre os estados de Mato Grosso e Goiás. Do outro lado do mesmo rio, à margem direita, encontra-se a cidade de Santa Rita do Araguaia, no estado de Goiás.

O capítulo I apresenta a comunidade de Alto Araguaia, especificando sua povoação iniciada no fim do século XIX por mineiros e baianos, seguida por paulistas, agregando no final dos anos 70, os gaúchos. O goiano entra nesta relação como aquele que divide com o araguaense sua constituição histórica e lingüística. Relatamos a história de Alto Araguaia, as causas atrativas para sua migração e aspectos culturais resultantes da migração. As diferenças

que marcam a chegada do homem mineiro, baiano, paulista, e gaúcho, também são pontuadas neste capítulo. Ainda neste capítulo, apresentamos os objetivos, pelos quais se pautou este trabalho e as razões que nos moveram para coloca-los em prática.

O capítulo II fala de trabalhos realizados nas diversas áreas da linguagem que tiveram nas atitudes lingüísticas algum tipo de interesse, além de expor os métodos selecionados para tais pesquisas. Entre os poucos trabalhos que versam sobre “atitudes lingüísticas” está *Ethnography of Communication* de SAVILLE-TROIKE, considerada por nós uma obra de fundamental importância. Incluímos nesse ponto, o método escolhido por nós e todas as etapas dele derivadas.

O capítulo III versa sobre alguns trabalhos existentes no Brasil que tratam do tema “atitudes lingüísticas” e suas conceituações que vão, desde a relação entre a “crença” e o comportamento individual ligado a uma valoração, até a leitura de que atitude é uma tendência para agir ou reagir quando confrontada com certos estímulos.

O capítulo IV trata, especificamente, da análise “atitudes lingüísticas” manifestadas pelos informantes sobre seu falar e o falar do outro, verificando as razões implícitas ou explícitas decorrentes das mesmas, além da verificação do papel que a linguagem desempenha nas atividades ocupacionais de indivíduos.

O capítulo V apresenta as considerações finais sobre o estudo de atitudes lingüísticas realizado na comunidade de Alto Araguaia-MT.

Fechamos este trabalho, acrescentando que sua feitura foi um exercício prazeroso de contribuição histórica para o município de Alto Araguaia e científico, para a área da linguagem.

CAPÍTULO I

ALTO ARAGUAIA: UM POUCO DA SUA HISTÓRIA

“Migração é a designação genérica dos deslocamentos de população implicando uma mudança permanente ou semipermanente de residência” (PEREIRA 1978:183).

A migração de populações é um fenômeno conhecido na história da humanidade. Assim, grupos de pessoas deslocam-se de seus territórios originais para outros, distantes ou próximos, por razões de natureza econômica e política. Modernamente, vemos processos migratórios que envolvem deslocamentos de grupos de indivíduos entre países distintos e entre regiões de um mesmo país. No caso do Brasil, a migração interna tem encontrado motivação na questão econômica, onde o sonho por uma vida melhor promove o deslocamento de indivíduos de uma região para outra.

Buscar em outros solos o que o seu não foi capaz de oferecer, leva indivíduos a percorrerem ideais e a tentarem reconstruir ou ostentar suas culturas em outras regiões. Algumas conseguem, outras não, o que qualifica quem chega como forasteiro com espaço para o trabalho é a convivência de acordo com as regras locais.

A migração traz como consequência evidente à convivência entre culturas: modo de falar, usos, costumes, crenças, religiões diversas, etc. E esta convivência nem sempre é pacífica, por vezes põe em confronto pessoas, com histórias distintas, que passam a integrar uma

mesma comunidade. Historicamente, a povoação de Alto Araguaia é marcada por movimentos migratórios que instalaram indivíduos originários de diversos pontos do país. A ocupação da região, iniciada no final do século XIX, pode ser dividida em momentos distintos:

- um período inicial, relacionado, ao desbravamento da região, em que a mineração do ouro e do diamante e a pecuária eram a base da economia, neste primeiro momento chegaram baianos, mineiros, goianos e paulistas.

- um segundo período, relacionado à política governamental de ocupação de terras em regiões do Norte e Centro-Oeste brasileiros. Neste período, chegaram os sulistas, majoritariamente, gaúchos.

Segundo fontes históricas (Oliveira,1998), Alto Araguaia tem início em 1890, com a chegada do sertanista Antônio Cândido Carvalho, de origem mineira, que veio com o desejo de explorar a agricultura e desenvolver a criação de gado, o que de fato realizou com a chegada de outros mineiros de sua família.

Em 1885, chega um outro grupo de mineiros, liderados por João José de Moraes, o Cajango, também atraído pela atividade da pecuária e da agricultura.

Diz a história:

João José de Moraes Cajango, homem de luta, coragem e destemidez, sem nenhuma ambição, mas com a bravura de sertanejo, explorou vários pontos do Araguaia, Garças e Cassununga, estabelecendo moradia em alguns deles. Eleito o fazendeiro mais

importante da região... criou vinte e um filhos, dos quais quinze constituíram família, auxiliados decentemente pelo ganho do seu labor incansável. Explorador que era de grandes pastagens, dono de dez mil cabeças de gado, foi o responsável em desvendar a riqueza da pedraria aos primeiros lavristas do Garças.(OLIVEIRA, 1998: 24)

Outro mineiro a ocupar lugar de destaque nas atividades agropecuárias e na vida pública foi Joaquim Estevão de Melo - guarda fiscal da fronteira pelo governo de MT, que constituiu família com Maria Cândida de Oliveira, tendo cinco filhos, dando origem a vários troncos da família “Melo”, atualmente, residentes e donos de posses em Alto Araguaia -MT.

O que acabamos de expor é uma pequena amostra da condição de vida de alguns dos mineiros que povoaram Alto Araguaia e nela deixaram suas marcas.

No início do século XX, por volta de 1908, o baiano do sertão Cândido Soares Filho se instala com um grupo na região, com o objetivo de explorar ouro e diamante no Rio Garças. Com o dinheiro que ganhava, o baiano do sertão retornava a Bahia para as festas do Bom Jesus da Lapa, onde propagava o garimpo do Rio Garças. O desejo de enriquecer, rapidamente, empurrava grupos de baianos para Mato Grosso.

Diferentemente da situação dos mineiros da pecuária, da agricultura e das pedras, os

baianos chegam tendo uma outra condição sócio-econômica.

A possibilidade de possuir vastas áreas de terras por um preço irrisório, se comparado ao de São Paulo, atrai os paulistas para a região, que passam à criação de gado de corte, intensificando ainda mais a pecuária e fortalecendo a economia do município sobremaneira.

Como podemos observar, na sua origem, Alto Araguaia é marcada pelas atividades da mineração, pecuária e agricultura. No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, mineiros, baianos, goianos e paulistas se deslocaram para esta região movidos pelo interesse de obter uma condição econômica melhor, trabalhando a terra, criando gado e descobrindo minério.

Em Alto Araguaia, há muitas famílias tradicionais instaladas há várias décadas que vieram de outras regiões do Brasil. Infelizmente, não dispomos de informações oficiais para inscrevê-las em nossa narrativa.

No final dos anos 70, sulistas, com a preponderância do gaúcho, começam a migrar para vários pontos de Mato Grosso, entre eles, Alto Araguaia e cidades circunvizinhas. Impulsionados pelo tipo de solo propício ao plantio de grãos (soja) e o baixo preço de grandes latifúndios, os sulistas chegam com experiência na agricultura, investindo maciçamente na produção de grãos, transformando grandes áreas em maior oferta de trabalho e contribuindo para o desenvolvimento sócio-econômico do município.

Além destes sulistas, ligados à agricultura, chegaram outros interessados em atividades ligadas ao comércio, à educação (professores) e à política, todos movidos pela esperança de uma situação sócio-econômica melhor que aquela que o Sul lhes oferecia.

A heterogeneidade trazida para a região no início da sua povoação foi acentuada nos

anos 70, com a chegada dos sulistas (predomínio gaúcho) e, provavelmente, será ampliada em bem pouco tempo, pela construção da estrada da FERRO NORTE, já em andamento, ligando o interior de São Paulo a Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Pará, com o objetivo de escoar grãos, transformando Alto Araguaia em corredor de carga da região. Aliado a este fato, há também o projeto de construção da USINA COUTO MAGALHÃES que prevê a vinda imediata de 10.000 (dez mil) famílias para a cidade de Alto Araguaia. Para tanto, entendemos ser pertinente o registro lingüístico do que se tem e, posteriormente, do que virá.

Percebemos, então, que Alto Araguaia possui uma história em que movimentos migratórios criaram uma heterogeneidade de usos, costumes, tradições e hábitos lingüísticos. E, este fato se reflete nas relações que os grupos originários de distintas regiões mantêm em seu convívio.

Neste contexto, torna-se difícil precisar uma marca específica do falar araguaense, a exemplo, encontramos alguns aspectos como: o “uai” do mineiro, o “tche” do gaúcho, o “r” retroflexo produto da influência do mineiro, do paulista e do goiano primeiros componentes de formação da sociedade local. A diversidade de origem apontada se reflete no plano lingüístico.

Observamos que a cultura araguaense, constituída pelos grupos iniciais –mineiros, baianos, goianos e paulistas -, se confrontam, no final dos anos 70 com a forte presença da cultura do sulista, representada pelos gaúchos, que se esforçam, para preservar seus hábitos culturais, alimentares e lingüísticos.

Podemos dizer que o araguaense é fruto do processo migratório de mineiros, baianos, paulistas e goianos, ganhando outras misturas com o passar dos anos e, a chegada de outros grupos originários de outras regiões do país como o gaúcho dos anos 70.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA: TRABALHOS E MÉTODOS

Em se tratando de fazer um trabalho que desse conta de avaliar atitudes linguísticas manifestadas por falantes de dialetos em contato em Alto Araguaia - MT, longa foi nossa busca na esperança de poder precisar uma metodologia que fosse pertinente aos objetivos que estabelecemos. Afinal, muitas são as metodologias existentes e diversas são as formas de trabalhar.

O problema que enfrentamos foi o de que poucos são os estudos realizados sobre “*atitudes linguísticas*” e diferentes são os procedimentos metodológicos escolhidos. Isso nos deu a clareza de que não há um modelo pronto e acabado a ser seguido. Tivemos com isso a tarefa árdua da adequação ao que já existe.

Mas, como propor uma metodologia que pudesse garantir uma fidelidade às manifestações dos falantes sobre sua fala e a fala de outros? Entre os trabalhos que temos lido, vários são os modelos apresentados, mas cada um responde a tipos diferentes de hipóteses e objetivos.

A etnografia da comunicação revelou ser uma linha de investigação sociológica e linguística criada por DELL HYMES em 1962. HYMES ao propor o estudo da etnografia teve como objetivos: criar um método válido para a descrição e análise dos acontecimentos de fala em uma comunidade e, descobrir a economia de fala das sociedades, além de estudar os recursos comunicativos de uma comunidade e a distribuição de tais recursos entre os falantes e os acontecimentos.

O modelo proposto por HYMES considerava tanto elementos estruturais como elementos funcionais. Seu interesse, porém, baseou principalmente em estudos dos acontecimentos de fala, nos elementos e as funções que cumprem.

A metodologia de estudo mais freqüente na etnografia da comunicação, consiste na introdução do investigador dentro de um grupo ou comunidade. Os dados são recolhidos por meio da observação direta, entrevistas e questionários.

Outras são as contribuições dadas à etnografia aplicada aos processos comunicativos que se produzem em um contexto escolar. Nesta perspectiva, faremos uma breve exposição.

GREEN & WALLAT (1981) reúnem na obra *"Ethnography and Language in Educational Settings"*, um conjunto de trabalhos com este fim específico, e, nós apresentaremos, rapidamente, a linha de estudo de alguns estudiosos dessa vertente e que fazem parte da obra acima referida como: LUTZ, SEVIGNY, ERIKSON E SHULTZ.

LUTZ (1977) demonstra que é necessário, na investigação educativa, ampliar as perspectivas para além das típicas análises psicoestatísticas e do estreito ponto de vista da interação face a face da micro-etnografia. Os processos educativos devem inserir em um contexto escolar e cultural, para poder levar a cabo que uma investigação seja realizada por um etnógrafo preparado e que os dados sejam analisados por descrições etnográficas exaustivas.

Já SEVIGNY (1977) propõe um método triangulado de aplicação sistemática para o estudo da interação social em contextos educativos. O autor assinala que o princípio subjacente do seu trabalho é a possibilidade de desenvolver procedimentos alternativos de recolhimento de dados, principalmente, quando estes não podem receber um tratamento

experimental estatístico. Outro ponto, considerado por SEVIGNY como importante, consiste em descobrir a perspectiva do participante, ou seja, averiguar como as interações na escola afetam as predisposições, propósitos, suposições, expectativas e atitudes dos estudantes.

Em linhas gerais, a metodologia de SEVIGNY está centrada na etnometodologia e faz a comparação de vários grupos utilizando procedimentos em dois ou mais pontos de vista. Sua metodologia amplia o conceito tradicional do “observador participante, incorporando outros possíveis tipos de observador como: participante, só observador, participante como observador oculto”.

Realizar uma pesquisa, considerando diversas perspectivas, crê SEVIGNY, que torna muito mais fácil fazer generalizações e obter melhores resultados comparando os dados escolhidos.

Vamos destacar ainda ERIKSON E SHULTZ (1977) pela sua importância. Estes autores propõem uma metodologia para a identificação de contextos, os papéis sociais dos participantes e a relação entre eles.

O modelo de análise apresentado por ERIKSON E SHULTZ é denominado “*caso - tipo*”, e pontua que , o mais importante é que os métodos de análises tenham uma correspondência com a forma em que se produz a interação.

Estes modelos indicam que é importante que os membros de uma coletividade se conheçam para realizar a interação. Apontam ainda, os autores, que é necessário a configuração de uma teoria de construção dos contextos sociais através da interação para compreender como às formas de comunicação podem expressar significados sociais e referenciais.

Dentre as muitas obras que tratam sobre etnografia da comunicação, particularmente, a de SAVILLE-TROIKE (1982) chamou minha atenção, por tratar da disciplina de forma geral. A autora inicia sua obra *The Ethnography of communication. An introduction*, evidenciando uma preocupação em mostrar a importância da etnografia para a antropologia, a psicolinguística, a sociolinguística teórica. Além disso, trata também dos conceitos básicos da etnografia e de problemas relativos às variedades linguísticas. Fatores contextuais, geográficos étnicos, sociolinguísticos e psicológicos também são analisados, bem como, os componentes da comunicação e as atitudes na atuação comunicativa. Para SAVILLE-TROIKE (1982) uma verdadeira aproximação do estudo etnográfico da comunicação em uma comunidade deve seguir os pontos estabelecidos para uma investigação profunda nos trabalhos etnográficos, além de combinar os fenômenos linguísticos de um bom trabalho de sociolinguística e folclore.

Considera ainda, que a etnografia deve estar aberta a novas idéias e perspectivas, evitando adotar, prematuramente, modelos para análises de dados.

LABOV (1977) diz que em seu estudo realizado em Martha's Vineyard , foi possível perceber que as atitudes podem aparecer como uma tendência do falante em assumir uma norma de prestígio , fazer uma outra avaliação a respeito dessa norma ou, ainda, apresentar uma reação subjetiva sobre a norma, e o reconhecimento explícito de um aspecto linguístico como estereótipo.

Ele observava que as formas de comportamentos linguísticos adotadas pelos vineyardenses tem, por traz, suas atitudes com relação a ilha. Assim, é que aqueles que tinham sentimentos mais positivos com relação à ilha, usavam a forma linguística local menos

prestigiada, e aqueles que nutriam sentimentos menos favoráveis pela ilha, passavam a usar a forma lingüística mais prestigiada.

LABOV aponta que a alta centralização dos fonemas (*a y*) e (*a w*) tem ligação com a expressão de grande resistência dos vineiardenses em relação aos veranitas .Para conferir atitudes lingüísticas, no curso de suas pesquisas Labov utiliza testes formais do tipo : “reação subjetiva “, “auto-avaliação” e “extra-familiar”, etc...Cada teste tinha por objetivo evidenciar uma forma de comportamento lingüístico ou atitude social do falante .

Após, esta breve apresentação de obras relevantes para o estudo da comunicação humana em diferentes contextos, apontaremos a direção que seguirá nossa pesquisa. Afinal, ficamos cientes que inúmeros são os modelos apresentados para coleta e análise de dados, porém, nada impede o processo da adequação para uma situação que se apresenta como nova, pelo menos para nós. Isto posto, esperamos precisar com propriedade, uma forma de coleta de dados que possa garantir a fidelidade da mesma à análise.

2.1- O MÉTODO ESCOLHIDO

Após várias reflexões sobre o que pretendíamos investigar e, tendo decidido que de fato a comunidade e os grupos estavam selecionados, passamos a refletir sobre o como coletar dados garantindo que a metodologia escolhida fosse ao encontro dos objetivos estabelecidos, com garantia de precisão.

Com algumas leituras feitas e reflexões realizadas sobre atitudes lingüísticas,

ousamos dizer que um indivíduo ao manifestar uma opinião sobre sua fala (aqui tomada como dialeto) e outras falas (sobre outros dialetos) está investido de uma atitude lingüística interpretativa e valorativa, decorrente da sua formação dentro de um contexto sócio-econômico-cultural e lingüístico.

Avaliar atitudes lingüísticas decorrentes de uma situação formal implica em aceitar que o contexto determina o tipo de manifestação lingüística e, aqui acrescentamos que as atividades ocupacionais dos indivíduos podem aí estar enquadradas. Com as considerações preliminares realizadas passamos à explanação do como colhemos os dados necessários para este trabalho.

Voltamo-nos para uma metodologia utilizável, adequando a observação participante aos nossos interesses, numa pesquisa que recortou o tema “atitudes lingüísticas” como objeto de estudo. Já conhecedora das diferentes maneiras de se coletar dados em distintas disciplinas, avaliamos ser adequado ao nosso trabalho, coletar dados através de entrevistas diretas, que seguiriam um questionário previamente elaborado, na busca de tentar garantir uma coleta de dados satisfatória aos objetivos da pesquisa.

Não podíamos perder de vista que buscávamos saber quais as atitudes lingüísticas manifestadas por falantes nativos e não nativos, residentes em Alto Araguaia - MT, com relação às suas falas e às falas dos outros, estando estes envolvidos em atividades ocupacionais como a política, o comércio e a agropecuária.

Compreendemos ser necessário fazer um recorte, por não ser possível abarcar aqui todos os pontos que de alguma maneira trariam contribuições para os dados e para a análise. Porém, ficamos com aqueles que julgamos imprescindíveis para se chegar a um resultado de

análise sociolingüística correspondente ao objeto selecionado.

Em nenhum momento, pretendemos desmerecer este ou aquele modelo de coleta de dados e análise, com sua respectiva teoria, mas extraímos de algumas disciplinas os itens que, à luz do nosso julgamento, puderam contribuir com a pesquisa que ora empreendemos. A propósito, a não existência de um modelo metodológico pronto e acabado para o estudo de atitudes lingüísticas nos conduziu ao critério da adequação.

O fato de coletar dados através de entrevistas, configura um contexto formal de interação, que pode dificultar a relação pesquisador- informante. Durante a realização da coleta de dados adotamos uma postura de descontração procurando deixar o entrevistado bem à vontade, porém, sem perder o controle da situação que tinha um objetivo claramente estabelecido.

Apesar da tentativa de descontração, a situação de entrevista sempre se constitui num ato formal em que dois indivíduos estão de algum modo sobre julgamento e avaliação. De um lado, a figura do entrevistador representa ao entrevistado aquele que quer saber algo, inspirando-lhe cuidado no que vai ser dito; do outro lado, a figura do entrevistado representa para o entrevistador aquele que tem algo a ser dito de alguma forma, fazendo com que sua atenção seja redobrada para não deixar escapar detalhes ou pistas importantes para o processo de análise.

Algumas perguntas provocavam atitudes de precaução, levando o informante primeiro a manifestações silenciosas antes de emitir uma resposta. Tais comportamentos, por si constituem, implícitas ou explicitamente, formas de produção de sentidos.

Concluimos que a escolha de se trabalhar com um questionário guia (instrumental

básico desta pesquisa) foi vantajoso por permitir comparar um conjunto de respostas organizadas. Ainda assim, dando-nos a condição da flexibilidade nos momentos em que necessitávamos reformular uma pergunta ou a ela retornar, afinal, a importância dos dados gravados poderiam garantir a qualidade da análise posterior.

A seleção dos informantes baseou-se nos critérios da naturalidade e atividade ocupacional. Da naturalidade – foram selecionados informantes oriundos de cinco regiões brasileiras que foram importantes na história da povoação de Alto Araguaia sendo: o mineiro – primeiro a chegar; o baiano – do garimpo; o paulista – da pecuária; o goiano – da fronteira e do convívio diário; o gaúcho – da soja, além do araguiense – filho da terra e herdeiro de uma tradição de muitas influências.

Da atividade ocupacional – selecionamos três atividades ocupacionais que têm um papel de destaque na vida social de Alto Araguaia e ensejam contatos constantes com: comércio, política e agropecuária. A escolha destas ocupações se justifica pelo contexto cultural da cidade e pelo nível de relação diária que os informantes têm com um número considerável de pessoas, de origens geográficas distintas, que compõem a comunidade em pesquisa.

Foram selecionados dezoito (18) informantes, três (3) de cada origem geográfica, cada um ligado a uma das atividades ocupacionais escolhidas, o que corresponde à seguinte divisão.

	Origem(ns)	Atividades (s)		
1	Mineiro	1- comércio	1- política	1- agropecuária
2	Baiano	1- comércio	1- política	1- agropecuária
3	Paulista	1- comércio	1- política	1- agropecuária
4	Goiano	1- comércio	1- política	1- agropecuária
5	Gaúcho	1- comércio	1- política	1- agropecuária
6	Araguaiense	1- comércio	1- política	1- agropecuária
				Total: 18

A tarefa de selecionar informantes com esse perfil exigiu de nós duas maneiras de trabalho. Num primeiro caso, tivemos que buscar apoio de pessoas mais antigas na cidade, para que elas pudessem intermediar a concessão da entrevista, isto pelo fato de que as pessoas têm receio em conceder entrevistas, principalmente, para professores. Num segundo caso, tivemos que procurar alguns informantes por diversas vezes até que os mesmos compreendessem que não desistiríamos e resolvessem conceder-nos a entrevista. Tais ocorrências fizeram do processo de realização de entrevistas, uma árdua tarefa.

Foram utilizados três instrumentos de coleta de dados: ficha pessoal (ver anexo), um questionário-guia para as entrevistas (anexo) e a observação direta.

Em função das atividades escolhidas, o critério da idade se impôs de certa forma, ou seja, os entrevistados apresentaram idade superior a trinta anos.

Neste ponto, ressaltamos que o tempo de residência dos informantes foi um fator

considerado em função da necessidade do mesmo ter que possuir uma interação diária estabelecida com um contingente considerável de pessoas, em suas ocupações. Assim, fixamos para os não araguienses, um período mínimo de 15 anos de residência em Alto Araguaia e, de não ausência da cidade quatro anos para os araguienses.

Ressaltamos ainda, que o fator sexo não foi escolhido como relevante por receio de não encontrar um número satisfatório de mulheres em atividades como agropecuária. Porém, procurarmos balancear a questão e obtivemos um dado importante ao encontrar um número de mulheres próximo ao número de homens em todas as atividades. Apesar desse fato, as opiniões dadas não foram divergentes.

2.2- A ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO-GUIA

A elaboração do questionário-guia, (Instrumental básico de nossa pesquisa), foi baseado em ALVES (1979). Nesse processo de organização de coleta de dados , elaboramos dois questionários , sendo um para as entrevistas com os informantes nativos (da terra) e, o outro, para as entrevistas com os informantes não-nativos, originários de outros estados do país. Cada questionário foi composto de vinte uma perguntas, algumas de ordem central e outras de ordem periférica.

Com as perguntas de ordem central, visamos a verificação de atitudes lingüísticas do informante, com relação ao seu próprio falar e com relação ao falar do outro e, as atitudes sobre o papel da linguagem na sua atividade ocupacional. As perguntas de ordem periférica visavam descontrair o informante o máximo possível, para que no momento de responder às

perguntas centrais, sua contribuição fosse maior. Elaborar as perguntas requereu uma reflexão cuidadosa para que a nossa postura não chocasse, de imediato o informante, haja vista o contexto de entrevista se mostrar formal.

2.3- AS PERGUNTAS CENTRAIS

Procuramos , através das perguntas centrais , levar o informante a manifestar atitudes lingüísticas sobre sua fala e a fala dos outros , além de revelar atitudes sobre o papel da linguagem na sua atividade ocupacional . A exemplo, podemos rapidamente expor algumas dessas perguntas :

- O que você acha do jeito de falar do povo do seu estado ?
- Você poderia dar exemplos de marca de fala do araguiense ?
- A fala do araguiense, na sua opinião, se parece qual a de que estado ?
- Na sua profissão é preciso escolher um jeito diferente para lidar com cada pessoa (mineiro , baiano , goiano , paulista , araguiense e gaúcho) ?
- Dos grupos que você lida , qual fala melhor e qual fala pior ?
- Qual a fala mais bacana e qual a menos bacana ?
- Dos grupos que vivem aqui , qual mais contribuiu para a cultura local ?

Veja que estas perguntas conduzem a respostas sobre a própria fala e a dos outros, além do papel da linguagem nas ocupações dos informantes.

2.4- AS PERGUNTAS PERIFÉRICAS.

Se o primeiro objetivo destas perguntas era descontrair o informante, algumas se revelaram muito importantes para o fortalecimento de alguns pontos do nosso trabalho.

- Porque seus avós ou pais vieram para alto Araguaia ?
- De onde são seus pais e seus avós ?
- Você conhece a história de Alto Araguaia ?

Com questões desta natureza, foi possível constatar que a história dos araguienses está, de fato, enraizada em seus primeiros povoades do final do séc. XIX e início do séc. XX, marcando assim, a união de muitas influências.

Em função da natureza deste trabalho, as entrevistas foram transcritas sem levar em consideração aspectos fonéticos. Todas as transcrições foram feitas grafematicamente , sem considerar marcas da oralidade, o que significa dizer que fizemos algumas correções .

De posse das transcrições das dezoito entrevistas, passamos ao processo de visualização e reflexão sobre as atitudes lingüísticas manifestadas pelos informantes, para na sequência iniciar a análise.

CAPÍTULO III

ATITUDES LINGÜÍSTICAS: OS TRABALHOS EXISTENTES

Embora importante, não existe uma bibliografia extensiva que trate da questão “atitudes lingüísticas”. Em geral encontramos referências esporádicas em obras das mais diversas correntes, artigos ou pesquisas de pós-graduação que tem tentado solidificar esta área.

Muitos estudos de comunidades bilíngües e plurilíngües abordam o tema “atitudes lingüísticas”, mas nenhum deles toma a questão como objeto específico de estudo.

De acordo com relato feito por FERNANDEZ (1988), a psicologia social tem sabido explorar, dentro de suas perspectivas aspectos relacionados às atitudes lingüísticas, ao passo que a lingüística em geral e, particularmente, a sociolingüística não tem avançado muito com este ramo de investigação. Diz ainda FERNANDEZ, que a sociolingüística estadunidense não tem dado a real importância ao tema, ainda que a expansão de programas de educação bilíngüe – ensino e aprendizagem de segunda língua – motivadas pela existência de numerosas comunidades de imigrantes nos Estados Unidos, representem um campo sugestivo para investigações sistemáticas sobre atitudes lingüísticas. Em seu balanço sobre a sociolingüística americana, o autor aponta que, entre os anos 60 e meados de 85, poucos foram os trabalhos que tomaram o tema das atitudes lingüísticas como objeto específico de estudo.

Com relação ao Brasil, raros também são os trabalhos realizados sobre atitudes lingüísticas, e nenhuma obra há que possamos considerar como obra de referência no assunto. Porém, algumas são as contribuições de diferentes linhas que, de alguma maneira, tratam o

assunto.

Pouco explorado, o tema vem fomentando interesse no ramo da sociolingüística brasileira, na medida em que “atitude” é vista como um fato social de relação estabelecida entre o humano e a linguagem.

Sabendo que o humano é dotado de desejos e atitudes, é possível compreender ser de interesse para a sociolingüística conhecer as condições sociais de manifestações de atitudes, ou ainda, reconhecer as possíveis conseqüências sociais dessa relação. Em um universo de escassez sobre estudos de atitudes lingüísticas, apresentaremos alguns trabalhos, que fazem do encontro do lingüístico e do social uma razão de investigação.

Um dos primeiros livros dedicados, em sua totalidade, aos estudos das “atitudes lingüísticas” foi editado por ROGER W SCHUY e RALPH W FASOLD (1973), com o título “*Language Attitudes: Current Trends and Prospects*”. Esta obra reúne doze artigos de autores procedentes de diversas disciplinas, apresentando então trabalhos de natureza teórica e metodológica muito geral.

As investigações em sua maior parte, centram em problemas da influência das atitudes estereotipadas e juízos subjetivos. As variáveis sociais mais estudadas são grupos etnoculturais, classes sociais e o sexo. Também foi dada atenção à variação, segundo o contexto social, à mudança de código e à interação entre aluno e professor.

A obra de SCHUY e FASOLD refletem as tendências dos estudos sobre atitudes lingüísticas no início dos anos setenta. Dentre as várias direções que tomaram as investigações sobre atitudes lingüísticas, destacaremos dois trabalhos que trataram de grupos culturais, cuja primeira língua é o espanhol e que por diversas razões (sociais, econômicas e políticas) se

viram obrigados a mudar de residência para os Estados Unidos.

COHEN (1975) aborda a questão da educação bilíngüe inglês – espanhol na cidade de Redwood que fica localizada ao Sul de São Francisco nos Estados Unidos.

Os objetivos centrais deste trabalho, no que dizem respeito as atitudes, foram averiguar como valoram, as crianças que tem recebido uma educação bilíngüe, a cultura de sua origem e a cultura norte americana; como as crianças que não receberam uma educação bilíngüe valoram as duas culturas; que efeitos produzem a educação bilíngüe em suas atitudes na escola.

O referido estudo investigou noventa crianças que cursavam os três primeiros graus da educação bilíngüe e setenta pais. Utilizando um questionário de orientação lingüística, baseado no modelo proposto por GARDNER e LAMBERT em (1959), o autor recolheu dados com os pais. Já para as crianças, o autor valeu-se de um teste manual, criado por JAKSON e KLINGER em 1971.

Após análise dos dados compilados, chegou-se a conclusões como:

1. As crianças que passaram por uma educação bilíngüe apresentaram atitudes mais favoráveis à cultura mexicana que aquelas que não a receberam.
2. Atitudes mais abertas ao bilinguismo foram detectadas na medida em que aumentavam os anos de escolaridade bilíngüe.
3. O espanhol ganha preferências das crianças a partir do segundo ano de escolaridade bilingüe. As crianças não sujeitas ao programa mantiveram suas preferências pelo inglês.
4. Os pais das crianças em níveis mais avançados, diziam-se dispostos a

suportar cargas econômicas maiores para que os filhos aprendessem o espanhol no programa bilíngüe.

5. Os pais induziam os filhos a aprenderem o espanhol como forma de preservar a língua e a cultura.

6. Os pais das crianças que recebiam o programa de educação bilíngüe pensavam que o uso do espanhol facilitaria a aprendizagem do inglês e vice-versa.

ATTINASI (1979), aponta que o modelo de educação bilíngüe, promovido pelo Centro de Estudos Portoriquenhos (Nova York), é questionável em dois pontos: de um ponto de vista teórico, o programa de educação bilíngüe não respeita o princípio da autodeterminação nacional, que implica no respeito às tradições que exigem uma vigilância legislativa dos grupos afetados; de um ponto de vista prático, as medidas políticas requerem uma aceitação da comunidade para assegurar êxito, só que este requisito não é cumprido.

O aspecto que maior atenção recebeu por parte dos investigadores estadunidense, privilegia as atitudes com enfoque na psicologia social. Por esta razão, é necessário destacar RYAN e GILES (1982). Em suas considerações, os autores pontuam que a ausência de uma teoria homogênea acerca das atitudes lingüísticas, levou-os a refletirem sobre algumas dimensões em que se pudesse comparar atitudes encontradas em diversos contextos lingüísticos. Para RYAN e GILES, as atitudes lingüísticas apresentam problemas em três aspectos:

- a identificação dos fatores da variedade lingüística que as comunidades levam em consideração na hora de adotar uma atitude perante ela. Neste item,

normalmente,
pesam o grau de estandarização.

- O problema das técnicas de medição, que podem ser agrupadas em: técnicas de análise de conteúdo, técnicas diretas e técnicas indiretas.

- O terceiro aspecto se refere aos modelos de preferência das diversas variedades lingüísticas por parte dos membros de uma comunidade.

Se uma sociedade possui mais de uma variedade lingüística, é comum que a língua majoritária se apresente como superior, do ponto de vista do poder social. Ainda assim, cada grupo de falantes adota atitudes distintas na hora de opinar sobre o papel de poder que deve desempenhar cada variedade.

Em linhas gerais, procuramos enfocar a posição dos autores RYAN e GILES, num trabalho considerado como o primeiro que trata do aspecto psicologia social da linguagem.

SAVILLE – TROIKE (1982), dentro de uma orientação etnográfica, tratou o tema atitudes lingüísticas. O quinto capítulo de sua obra *The Ethnograph of Communication*, é inteiramente dedicado ao estudo das implicações existentes entre as atitudes lingüísticas e os fatores etnográficos.

Aponta a autora que as atitudes lingüísticas e as habilidades lingüísticas podem ser apreciadas em provérbios ou refrões que fazem menção a um ato de fala ou silêncio, pelo uso que o membro de uma comunidade faz da linguagem, ou ainda, pelas leis que são estabelecidas por um povo como reguladoras do uso e aprendizagem de uma língua. Há exemplos abundantes de provérbios que atestam o valor do silêncio. Exemplos: Silêncio é ouro; se você falar receberá uma pequena soma de dinheiro, se ficar calado muito dinheiro;

peixe morre pela boca; o olhar diz mais que as palavras.

Ao traçar um delineamento de atitudes em prol da língua e variedades, SAVILLE – TROIKE (1982), diz ser interessante, para o estudo das atitudes os nomes que recebem as variedades de certos grupos ou o uso que se faz dos registros lingüísticos de muitas culturas. Segundo a autora, em muitas culturas, a utilização de uma variedade lingüística deixa implícita as características sociais e psicológicas do falante.

Fazer julgamentos a respeito das pessoas de acordo com suas características lingüísticas, é uma forma comum de estereotipar, isto é possível porque a natureza de marca na língua é muito visível, as quais estão correlacionadas com categorias extralingüísticas na sociedade, tais como raça, sexo, idade, classe social, religião, etnia.

Os estereótipos são vistos como pontos importantes para o estudo dos juízos e atitudes em uma comunidade de fala, pois os grupos sociais podem exibir atitudes que influenciam na comunicação. A identificação dos estereótipos é útil porque permite um trabalho de descrição etnográfica conjugando aspectos como: dimensão das atitudes lingüísticas que formam parte da descrição; interpretação das condutas comunicativas sócio culturais, e fidelidade dos dados observados.

No caso dos tabus, freqüentemente uma comunidade de fala adota rígidas atitudes contra, pois seus empregos são fortemente contestados contra quem os utiliza por razões sociais. Historicamente, os tabus estão relacionados a crenças de uma cultura e suas atitudes religiosas, protocolos, ou controle social. No entanto, os elementos tabus podem ser substituídos por referências eufemísticas por exigências morais de uma dada comunidade.

Ao observar o aspecto propriedade, SAVILLE – TROIKE (1982) apontam que é

interessante para o estudo das atitudes considerar o uso da variedade lingüística como apropriada a um contexto específico. Geralmente, a utilização apropriada de um código em uma comunidade pode estar fortemente relacionado com sua distribuição funcional e com o status relativo de seus usuários. O estudo desse aspecto é imprescindível para as sociedades multilíngües, onde cada língua tem uma função a desempenhar.

A questão língua e identidade é apresentada como fator de consciência do falante, onde até mesmo as crianças possuem consciência da função da linguagem para estabelecer uma identidade de grupo. Os sentimentos positivos da língua de alguém são engendrados pela regra como identidade de um dado grupo, e os negativos, se tal identidade for rejeitada. A alternância ou substituição do código sinaliza mudanças de identidade do grupo. Distintas atitudes perante uma língua e sua identidade são muito visíveis no processo ensino – aprendizagem de uma segunda língua.

A relação entre língua e identidade pode ser bidirecional: sentimentos de aproximação e distância podem gerar similaridade e diferença nos modelos lingüísticos, o sentimento de estar em uma mesma onda lingüística pode favorecer a solidariedade. A língua pode ainda servir como importante função na identificação política e nacional de um povo.

Manutenção, substituição e expansão da língua, é um assunto básico em muitas teorias de culturas multilíngüe. Na evolução de uma língua, é importante considerar como suas funções instrumentais e afetivas se cumprem dentro de uma comunidade. Em comunidades multilíngües só se consegue a estabilidade quando uma língua tem seu próprio domínio e sua própria função social.

A estratificação social de uma comunidade tem grande importância nas possibilidades

de acesso à variedade de prestígio que possuem aqueles indivíduos, cuja língua mãe tem menor prestígio. Neste aspecto, o importante é a motivação e a oportunidade, bem como a aceitabilidade e assimilação pelo grupo.

Todos os aspectos aqui comentados fazem da obra de SAVILLE – TROIKE (1982), um bom referencial de orientação para verificação das muitas formas de ocorrência de atitudes lingüísticas, que de acordo com cada cultura tem suas especificidades.

SCHLIEBEN – LANGE (1993), ao estudar a relação entre o ocitano e o francês em Bagnol – Sur – Céze, discute a existência de um bilingüismo “encoberto”, analisando este fenômeno no quadro de atitude lingüística e consciência lingüística, a autora observa que as línguas são objetos de discursos cotidianos, e estes discursos são de natureza tanto descritiva quanto avaliativa. Neste sentido, estes discursos são de interesse sociolingüístico. As tentativas feitas para se aproximar das atitudes como objeto de estudo tem, segundo a autora, apresentado problemas ao interpretar “falar e saber sobre as línguas” como algo homogêneo. Sua posição aponta que duas coisas distintas estão em jogo: de um lado, há um “saber sobre a língua” e, de outro lado, há um “discurso público sobre a língua”.

No primeiro caso, o falante é visto como alguém que sabe muito sobre a língua, com capacidade de expressar até certo grau esse saber, além de poder identificar quais são os elementos que fazem parte de sua língua e quais são estranhos a elas; reconhecer o que há de antigo e o que há de novo; identificar até certo ponto variantes (geográficas, sociais e estilísticas) de sua língua. Pode ainda, reconhecer quem além dele a fala. Todos esses reconhecimentos, porém, permanecem na maioria das vezes implícito, com o falante apenas informando sobre o “que” e o “como” da fala. A tarefa da lingüística vai além, procurando

detalhar e sistematizar o que o falante deixou implícito. O segundo caso lança mão de um “discurso público sobre língua”, as línguas e a fala, mas é superado pela prática e experiência lingüística. Seus argumentos são recheados de estereótipos que são facilmente incorporados. Para SCHLIEBEN – LANGE:

(...) o discurso público sobre língua(s) contém principalmente avaliações, isto é, julgamentos sobre “bonito” e “feio” , “bom” e “ruim”, “eficiente, etc.

Mas também contém elementos do saber, como por exemplo sobre a distribuição das línguas no tempo e no espaço (por exemplo, “cada vila tem um dialeto diferente”), sobre as situações e tipos de textos, para os quais uma e outra língua (ou forma Lingüística) é adequada. (1993 : 95)

De acordo com a autora, um falante ao se manifestar sobre sua língua, sobre outras línguas ou formas lingüísticas que concorrem entre si no cotidiano, explicita seu saber que é baseado na sua prática e nas experiências, sendo fundador delas e, por outro lado, repete elementos do discurso público que são exemplificados da seguinte maneira:

Práticas lingüísticas

>saber sobre a língua

Discurso(s) público(s) sobre a língua

> estereótipos



Enunciações sobre a língua

Como foi dito anteriormente, SCHLIEBEN – LANGE realizou seu estudo na cidade de Bagnal – Sur – Céze, no Sul da França em 1972, e teve por objetivo verificar se o ocitano ainda era falado, de que forma essa língua continuava a existir e se os membros dessa comunidade tinham consciência lingüística dessa língua. Considere-se a esse respeito, que a França não possui dados oficiais sobre quantas pessoas falam o ocitano.

Os dados da autora revelaram o falante de ocitano envolvido em atitudes contraditórias ao começar a falar sobre sua língua. Primeiro, ele afirma que todos falaram “sempre” o francês no Sul da França, para na seqüência dizer que sua própria avó era falante monolíngue de ocitano.

Reafirmando sua posição, a autora deixa claro que não acredita que a “consciência lingüística” seja algo homogêneo, de que cada falante disponha naturalmente. Nem que (...) *o discurso oficial sobre a língua seja confrontável com a experiência cotidiana da língua. Antes trata-se saber de que maneira pode-se “trazer à ponta da língua” essas experiências*

cotidianas e o saber delas resultante. (1993 : 97)

Com as reflexões da autora, compreendemos que a questão língua “encoberta” é um contexto importante para estudar atitudes lingüísticas.

3.1- Estudos sobre atitudes no Brasil

O trabalho de ALVES (1979), visou verificar as tendências nas atitudes de nordestinos em São Paulo, com relação às variedades lingüísticas nativas e paulistas.

Em seu estudo ALVES (1979 : 28) cita SMITH (1973) para quem *a avaliação que fazemos da fala de uma pessoa tem efeito sobre como agimos com ela*”. Além de assumir que (...) *“há uma relação entre atitudes quando a fala e o comportamento, quanto alguém avalia a de outrem.*

A autora tece ainda considerações importantes relacionando sociedade, grupos sociais, indivíduos e manifestações para, posteriormente, concluir a inter-relação entre língua, fala e atitudes.

O conceito de atitude, que ALVES empresta para seu trabalho foi formulado por OPPENHEIM (1966):

(...) atitude é uma disponibilidade, uma tendência para agir ou reagir de um certo modo quando confrontada com certos estímulos.

(...) as atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e geralmente atraem

fortes reações (o componente emocional) que levarão a

formas determinadas de comportamento (o componente de tendência expressiva).

Para realização da sua investigação, a autora partiu das hipóteses de que: 1-) atitudes lingüísticas mais positivas, quanto às variedades lingüísticas paulistas, estariam relacionadas a um nível sócio – econômico – cultural baixo (B), enquanto que 2-) atitudes lingüísticas mais positivas, relativas às variedades lingüísticas nativas, estariam relacionados a um nível sócio – econômico – Cultural alto (A).

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: observação, questionário-entrevista (aplicado em dois momentos). Cento e dezesseis informantes foram entrevistados em presença e ausência de falares gravados.

Ao final da pesquisa, os dados apontaram os seguintes resultados:

- Analisadas as atitudes dos pernambucanos, os resultados indicaram uma tendência acentuada do nível (A) em prestigiar as variedades lingüísticas regionais, nordestinas em questão. Tal fato foi atribuído à maior consciência de valor que este nível empresta à sua região e que transpõe a fala;
- No nível (B), a maior tendência dos nordestinos (pernambucanos) foi estigmatizar os falares de sua região, em favor do falar de São Paulo. Isto pode ser associado às perspectivas otimistas com que encaram São Paulo, como um lugar onde podem ter melhores condições de vida, oportunidades de trabalho, etc. Estes resultados confirmaram as

hipóteses postuladas por ALVES (1979).

RAMOS (1997), em seu trabalho *“Avaliação de Dialetos Brasileiros: Sotaques”*, procura saber como falantes de cinco Estados brasileiros reagem a diferentes sotaques. A autora adota de FISHBEIN (1965) a seguinte conceituação: *atitude é caracterizada como resposta incorporada ao indivíduo, resposta esta que tende a mediar ou conduzir as respostas avaliativas mais abertas de um sujeito em relação à um objeto ou conceito.*

A conceituação adotada permitiu o uso de questionários como instrumento de avaliação da atitude informante. Assim, dois questionários foram aplicados, sendo que o primeiro foi respondido por 60 falantes de classe média de cinco estados investigados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraíba.

As faixas etárias consultadas foram (14 – 15 anos) e (25 – 40 anos). O objetivo estabelecido para o primeiro questionário, constituiu na avaliação da linguagem veiculada em noticiários de TV, considerada representativa do padrão culto atual. O segundo questionário, visou avaliar atitudes a partir de amostras dos diferentes dialetos. Um total de 31 informantes mineiros respondeu ao segundo questionário.

A autora apresenta apenas os resultados de uma etapa do trabalho sobre atitudes lingüísticas. Os resultados apontaram uma rejeição de dialeto rural em favor dos dialetos urbanos, o que configuram atitudes negativas para o dialeto rural e, positivas, para o dialeto urbano. Há que se considerar, que apenas falantes urbanos foram testados.

Trabalhando a questão de aceitação dos cinco dialetos, os resultados apresentaram: o mineiro e o paraibano como os menos aceitos, seguidos do carioca e catarinense. O dialeto gaúcho foi contemplado como o mais aceito. O estado do Rio Grande do Sul positivamente

avalia o seu dialeto, ao passo que o estado da Paraíba é o que menos aceita o próprio dialeto.

Tratando do dialeto utilizado em noticiários de TV, como representativo da fala da mídia, a autora obteve o seguinte resultado:

- Os falantes do Rio de Janeiro sentem ser sua fala a mais semelhante com a fala da mídia, ao passo que os falantes da Paraíba são os que dela mais se distanciam.

Submetidos a amostras de falas dos diferentes dialetos, falantes belorizontinos atestaram que o dialeto carioca foi o mais reconhecido. O dialeto mineiro, mesmo sendo local, obteve um índice que o colocou em terceiro lugar. O dialeto catarinense obteve o menor índice de reconhecimento.

Em suas conclusões, RAMOS relembra que seu estudo constitui apenas uma etapa de uma pesquisa sobre atitudes lingüísticas.

CAPÍTULO IV

O ESTUDO: ATITUDES LINGÜÍSTICAS MANIFESTADAS.

O presente trabalho tem por objetivo oferecer ao nosso leitor um pequeno estudo sobre as atitudes lingüísticas manifestadas por informantes originários de distintas regiões brasileiras, inseridos em três atividades ocupacionais: política , comércio e agropecuária.

Considerando a relação existente de dialetos em contato, na cidade de Alto Araguaia-MT , é interesse de nossa investigação verificar como os informantes pertencentes aos dialetos mineiro, baiano , goiano, paulista, gaúcho e araguaense, expressam opiniões frente ao próprio falar e frente ao falar do outro.

Pelo fato da situação de entrevista constituir a formalidade de um contexto, lembramos que a situação comunicativa entre entrevistado e entrevistador leva à utilização do que SCHLIEBEN-LANGE (1993) chama de “discurso público sobre a língua”. Neste sentido, veremos que os informantes vão explicitar suas opiniões sobre seu falar e outros falares através de pares distintos como: “bacana” , “menos bacana”; agradável , “desagradável”.

É importante ressaltar que, nesta pesquisa, os informantes vão apresentar suas opiniões sobre seu falar e outros falares de maneira global. Isto é, eles olham a própria fala e a fala dos outros como um todo homogêneo, como se essas falas representassem a totalidade dos falares regionais, sem levar em conta as diferenças sociais, etárias, sexuais etc.

Gostaríamos de chamar atenção para o fato de que os informantes, para falarem sobre o próprio falar, imprimem antes um olhar sobre os outros falares. O que significa dizer que o falante não possui uma prática de olhar para a própria fala, só conseguindo descrever seu falar

ao lançar um olhar sobre o falar do outro. E é neste lugar que se estabelece o jogo das semelhanças e das diferenças.

Em síntese, chamamos a atenção para o fato de que os juízos de valor apresentados pelos informantes, em sua maioria, não são definidos . Apenas ficam na base do que globalizam como “enjoativo”, “carregado”, “bacana”

Respeitando uma organização, exporemos a seguir as atitudes manifestadas pelos informantes. Inicialmente, apresentaremos as opiniões dos araguienses nativos, seguidas das opiniões dos demais informantes : mineiro , baiano , goiano , paulista e gaúcho , etc , sobre a própria fala e a fala dos outros. Considerando o fato de que todos são residentes em alto Araguaia, finalizaremos com a apresentação da atitude dos informantes não nativos sobre a fala araguiense .

Como última questão, apresentaremos atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividades ocupacionais dos informantes .

4.1- O ARAGUIENSE : SEU FALAR E OUTROS FALARES .

A tomada de posição dos informantes araguienses frente ao seu falar constitui algo interessante que passaremos a reafirmar, através de amostras, que o falante olha para o falar do outro para falar sobre o seu. Teremos os depoimentos dos falantes araguienses que, ao serem inqueridos se poderiam dar exemplos de marcas de seu falar, responderam lançando um olhar sobre o falar goiano.

É muito parecido com o falar goiano(MM - agropecuarista)

É normal como o goiano. (NC - comércio)

O falar araguaense é ótimo. (JSMN - político)

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Como é possível constatar, o falante araguaense avalia positivamente o seu falar e se identifica com o goiano. As respostas acima corroboram o fato de que o falante não vê o seu falar sem olhar para o falar do outro, neste caso, o do goiano da fronteira e do convívio diário. É importante reconhecer que os araguaenses não promovem uma demarcação lingüística contra o goiano (santaritense), é como se os dois fossem “um” em valor e semelhança.

Tomando os termos “normal” e “ótimo”, mostramos que o falante araguaense avalia positivamente a sua fala e promove um entrelaçamento lingüístico entre o falar araguaense e o falar goiano (santariense).

Ressaltamos, que o araguaense ao assumir que sua fala é “normal como a do goiano” “parecida com a do goiano”, assumi também a influência do goiano na sua cultura lingüística e, através dessa influência é que consegue caracterizar sua identidade. Neste caso, o que falam sobre o falar goiano é a representação viva do seu próprio falar (araguaense).

Provavelmente, a relação estabelecida entre o falar araguaense e o falar goiano, encontra razões na proximidade geográfica, na convivência diária e nas relações históricas, datadas do final do século XIX.

Mesmo lidando com informantes de atividades ocupacionais diferentes, as respostas balizaram um mesmo sentimento de respeito à cultura “local”. Partindo para uma pequena análise de significação de “local”, verificamos que esse adjetivo refere-se a um “determinado

lugar”, reforçando assim, a noção de entrelaçamento lingüístico manifestado pelo araguaense em favor do goiano, incluindo neste lugar do entrelaçamento, o territorial. Se “local” significa um determinado lugar, as atitudes lingüísticas manifestadas representam através de “normal“, “parecido” e “ótimo“ um mesmo espaço territorial e lingüístico .

Podemos, então, a partir das manifestações lingüísticas expressas por “normal”, “parecida“ e “ótimo”, concluir que fica subentendido que para o araguaense seu falar é igual ao do goiano “normal“, porém diferente dos demais, o que faz com que haja entre o falar araguaense e os outros falares um distanciamento lingüístico .

Assim, as atitudes lingüísticas manifestadas pelo araguaense incluem o falar goiano como falar “normal”. Se o falar goiano é único aliado tido como normal, subtede-se que os demais não são reconhecidos como parte do universo araguaense lingüístico e cultural. Apenas o que é visto como local, apesar da divisão geográfica é aceito e incluído como integrante lingüístico cultural do araguaense. Porém, em outros momentos, o araguaense inclui e reconhece a importância dos demais falares em sua cultura como parte importante na construção histórica, lingüística, cultural e econômica da comunidade araguaense . Ainda assim, o reconhecimento a posteriori não inclui os outros falares como “normal” ou “ótimo”, apenas destacam que todos têm sua importância sem nada mais acrescentar. Para melhor ilustrar o que acabamos de dizer, confira :

Dos grupos que vivem aqui , qual mais contribui para a cultura local ?

“Cada grupo deu sua contribuição , só que o goiano , o baiano e o mineiro mais , pelo número de pessoas no início” (político JS MN)

Você acha a fala do araguaense parecida com a de que Estado?

Alto Araguaia é uma cidade que tem muito baiano, que vieram para cá , casaram tiveram filhos . Então os filhos cresceram vendo os pais conversarem, como também de Minas Gerais , enfim misturou tudo. (comerciante -NC)

O fator, atividade ocupacional, não distinguiu as manifestações dos informantes . Ser comerciante, político ou agropecuarista, não implicou em atitudes diferenciadas no que diz a respeito ao próprio falar e outros falares.

4.2- O ARAGUAIENSE FRENTE À OUTROS FALARES.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Inicialmente, vemos que o falar goiano é para o araguaense “parecido” e “irmão”. O fato do informante araguaense adjetivar o falar goiano como “parecido” e “irmão” inscreve os dois falares em uma mesma constituição histórica , questão que deixa a vista que as atitudes lingüísticas do informantes araguaenses estão perpassadas pela história.

O informante araguaense avalia, positivamente, o falar goiano assinalando que:

A fala que mais me agrada é a goiana, se parece com a do araguaense é agradável.

(J S -politico)

O falar goiano é o araguaense, os dois foram criados juntos (MM - agropecuarista)

Eu acho muito parecida a fala do goiano com a do araguaense . Deve ser por causa

da vizinhança. (NC - comércio)

Indistintamente, todas as manifestações conferem ao falar goiano um lugar de irmandade que tem inscrição na história, que por sua vez reflete em suas relações quanto ao lingüístico.

Quanto aos falares baiano e mineiro, as atitudes apresentaram um grau de camaradagem, provavelmente pelo fato da contribuição na formação da região:

Temos muito do baiano e do mineiro acho até que sem eles não existiríamos . Eles chegaram primeiro. (MM - agropecuarista)

Todo mundo mais antigo aqui é filho ou neto de baiano ou mineiro. Então alguma coisa a gente herdou, só não sei dar exemplo. (J S - político)

Os exemplos acima demonstram que o reconhecimento que o araguiense faz do mineiro e do baiano tem inscrição na história.

Com as declarações de que os paulistas são mais “corretos” no falar, o informante araguiense estabelece uma relação em que o desenvolvimento do estado de São Paulo reflete um falar, também mais apurado de acordo com as normas gramaticais. Veja que o informante, com isso, nivela todos os paulistas quanto ao uso mais correto do falar.

A atitude do informante araguiense avalia, positivamente, o falar paulista dando - lhe uma qualidade, a de ser “mais correto”.

Eles preocupam com o jeito de falar. (NC – Comércio)

A maioria dos professores da faculdade são de São Paulo.(MM – agropecuarista)

Ao designar o falar paulista como o mais correto, o informante explicita um saber sobre a língua, informando sobre o “como” da fala. (Cf. SCHLIEBEN-LANGE,1993).

Diferentemente dos demais, o falar gaúcho recebe dos informantes araguienses, manifestações negativas como se pode notar em:

O gaúcho é arrogante, fala com imposição. (N C- comércio)

Não gosto ele é diferente, quer ser superior. (MM - agropecuarista)

Eles adoram apresentar aquelas danças nas festas , eu não gosto;’é um empata festa.
(J S - político).

O que se nota, nas atitudes manifestadas ao falar gaúcho, é que a avaliação feita corresponde à pessoa gaúcha e não somente a sua fala. Tem-se aí um jogo de nomeações negativas em desfavor do gaúcho, explicitada pelo perfil do comportamento do gaúcho.

A avaliação negativa que o informante araguiense faz do gaúcho, não passa só pela forma de falar, passa também pelo seu comportamento tido como “arrogante”, “superior”, “empata festa”, etc, porém tal questão se reflete na fala.

Curiosamente, esses mesmos informantes manifestaram-se positivamente com relação ao gaúcho quando o assunto tratado foi contribuição de cada grupo para o desenvolvimento da cidade. Por unanimidade, todos afirmaram que houve progresso com a chegada do gaúcho

para a região.

O gaúcho trouxe uma cultura diferente e progresso. O que a gente considerava supérfluo, para eles era uma necessidade, como o telefone. (NC - comércio) .

Quem trouxe a tecnologia pra cá, a lavoura mecanizada foram os gaúchos. (MM - agropecuarista)

(...) trouxe benefícios, no meu tempo de adolescência aqui não tinha quase nada, o gaúcho trouxe riqueza e circulação de dinheiro na região” (JSMN - político)

Apesar de uma avaliação negativa do comportamento do gaúcho, o informante araguaense avalia positivamente, a inserção do mesmo na região.

Em resumo, temos as seguintes avaliações do araguaense quanto ao próprio falar e o falar dos outros: goiano - positivo , baiano - positivo; mineiro - positivo ; paulista - positivo ; gaúcho - negativo ; gaúcho quanto ao progresso - positivo ; araguaense - positivo .

4.3- O GOIANO: SEU FALAR E OUTROS FALARES

O goiano ao adotar uma posição sobre seu falar a faz de forma classificativa e comparativa. Classifica-a como a fala mais “bacana” e “melhor” e compara com a fala do araguaense. Mais uma vez, os falares goiano e araguaense se entrelaçaram nas manifestações

lingüísticas dos informantes que assumem a existência de uma semelhança entre a forma de falar do goiano e do araguiense . Porém, não anula a influência mineira e baiana em seu vocabulário.

No entanto, o reconhecimento de que a fala do goiano santaritense é uma fusão dos falares mineiro e baiano não é suficiente para que haja uma comparação do falar goiano com os mesmos, pois essa comparação só acontece com o araguiense que também recebeu as influências do mineiro e do baiano.

A intenção do informante em demarcar um território como sendo o seu espaço para referir ao seu falar e ao falar araguiense que acredita semelhante ao seu , é percebido em:

goiano fala igual araguiense (TC - comerciante)

a fala mais bacana é a do goiano (HF - pecuarista)

sou goiano , falo como o araguiense (JZ - politico)

A manifestação lingüística do goiano é recheada por um apego ao dialeto que, originariamente, tem a mesma constituição histórica que o seu, dividindo com ele inclusive a noção de identidade lingüística como constatamos nos depoimentos acima.

O informante goiano (santaritense) avalia positivamente a própria fala hierarquizando-a como superior às outras, através da expressão "*mais bacana*".Um outro dado, é o de que o falante goiano se identifica como igual ao araguiense. Veja que em "*sou goiano, falo como araguiense*" (político - ZJ) , tem - se a inscrição do falar goiano no mesmo lugar de origem da região, dito de outra forma, tem a ver com a história. De certa forma a memória discursiva

do goiano (santaritense) está afetada pela história da região.

Ao assumir que sua fala é a "*mais bacana*" e que ser goiano é falar como o "*araguiense*" cabe talvez perguntar se: será que esta propriedade é transitiva? Será que a fala do araguiense é a mais bacana também? Será que araguiense é goiano ?

4.4- O goiano Frente a Outros Falares

O informante goiano engloba os falares mineiro e baiano como aqueles dos quais se originou, questão não suficiente para que o informante os coloque no mesmo espaço de afetividade delegada ao falar araguiense . Porém, se não há um anulamento da participação do mineiro e do baiano em sua história, significa dizer que há uma identificação com ele, mesmo que essa identificação não seja, euforicamente explicitada, afinal: (...)" *os baianos e mineiros foram responsáveis pelo desbravamento dessa região*" (H F - agropecuarista)

Os dialetos mineiro e baiano são reconhecidos como influência no vocabulário goiano pela herança do "*jeito mole do mineiro falar*" e do "*estridente do baiano*". De uma maneira geral, os informantes goianos apontam características negativas dos falares, mineiro e baiano, e que em função do contato histórico, estão presentes na sua fala de goiano.

Aqui, queremos apontar uma contradição do informante goiano. Se a sua fala, inicialmente foi, positivamente, avaliada como a "*mais bacana*" , como é possível que essa mesma fala apresente características negativas que são as heranças da história: "*jeito mole*" e "*estridente*". É como se fosse possível dizer, é a "*mais bacana*", porém com "*defeitinhas*,

Para os falares paulista e gaúcho as atitudes lingüísticas operaram, contrariamente. O primeiro é considerado como desagradável pelo jeito arrastado de pronunciar as palavras e incoerências de desvios gramaticais. Exemplo:

O paulista troca " l " por " r ", sol por sor , calça por carça . É a fala que menos gosto , fala pior, exemplo ponhá . (H F - agropecuarista)

Ao avaliar negativamente, o falar paulista, o informante goiano aponta aspectos lingüísticos e dá exemplos concretos, evidenciando um saber lingüístico. Já o gaúcho, foi considerado como agradável e zeloso pela forma de falar.

Gaúcho fala bem. Ele se preocupa com sua expressão. Eu gosto. (TC - comerciante)

A avaliação positiva que o goiano faz do falar gaúcho, curiosamente, chamou atenção para o fato de que goianos e araguienses se identificam, se aproximam e se assemelham quanto aos seus falares, no entanto quando o assunto é a emissão de um juízo de valor sobre outros falares, eles se distanciam e se divergem.

4.5- O MINEIRO: SEU FALAR E OUTROS FALARES.

Considerações lingüísticas dos informantes mineiros sobre seu próprio falar demonstram uma valoração positiva em que a atitude lingüística refere-se a uma noção de brasilidade em situação como:

A fala mineira é a mais bacana, a mais brasileira (SH - comerciante)

Gosto de ouvir o mineiro falá, ele é autêntico né (DV – agropecuarista).

O informante inscreve o seu falar num lugar de destaque em que a sua fala “mais” brasileira o diferencia dos demais. Assim, vemos que todas as demais falas são brasileiras, porém a mineira é “mais” e “autêntica”.

O informante faz uma avaliação positiva da própria fala descrevendo-a como a “mais bacana” e a “mais brasileira”, onde seu discurso público é justificado pela questão da “brasilidade” e “autenticidade” do falar.

4.6- O Mineiro Frente a Outros Falares

Referindo-se ao falar baiano, o informante apenas diz que o falar baiano é confundido com o de outros estados nordestinos.

Prá mim é tudo uma coisa só o povo do nordeste. O sotaque, a forma física, não sei diferenciar. (SH – comerciante)

Acho difícil falar esse é baiano esse é paraibano . (AF – político)

Em suas manifestações, os informantes inferem que o falar baiano não tem autonomia, ao englobá-lo com os nordestinos, como se para o mineiro existisse apenas o grupo nordestino

do qual o baiano faz parte.

Quanto ao falar goiano e ao falar paulista o informante mineiro também os engloba.

É complicado saber quem de fato é goiano quem é paulista, só se você for muito amigo ou alguém te deixar(SH – comerciante)

Aqui tem muitos paulistas fazendeiros, tem muito goiano fazendeiro, só que é tudo a mesma coisa no falar (DN – agropecuarista)

Já o gaúcho é reconhecível para o informante mineiro por causa do sotaque.

Não dá para confundir o gaúcho, ele diz, bá tchê, deixa disso guri. (DN – agropecuarista)

Qualquer um reconhece um gaúcho. Esse aí você separa em qualquer lugar, o sotaque é diferente (AF – político)

Veja que na opinião dos informantes mineiros, o falar baiano é confundido com o de outros estados nordestinos, o goiano e o paulista se misturam e o gaúcho é identificado pelo sotaque. No entanto, o mineiro é o único reconhecível pela sua autenticidade e brasilidade.

4.7- O BAIANO: SEU FALAR E OUTROS FALARES

O distanciamento e o contraditório operam lado a lado nas manifestações lingüísticas do informante baiano sobre seu próprio falar. Em:

Não gosto, acho feia. (MBB – comerciante)

temos a alusão implícita de que a intenção do falante é manter um distanciamento com sua origem lingüística. Essa intenção é reforçada pela construção do próprio enunciado em que *não gosto*, taxativamente, nega gostar de *algo* e *acho feia* afirma a falta de beleza desse *algo*. Enquanto isso em:

A gente fala gritado, não gosto muito” (GRA – agropecuarista)

temos a combinação entre “não” e “muito” estabelecendo o lugar do implícito. Os sentidos construídos passam pela evidência de uma negação incompleta, onde “muito” define um certo gostar. Já em:

Acho feia; só o sotaque é bonito (DGA – político)

tem-se a marca embutida do contraditório. Se, num primeiro momento, a negação ocorre através de “feia”, num segundo momento, a adesão vem através de “bonito”. Interessante é perceber que para o informante, fala e sotaque são predicados de formas diferentes, a fala é

“feia” mas, o sotaque é “bonito”. Contrariamente ao exemplificado até agora, temos em:

fico lisonjeado quando alguém me imita. É sinal que a gente está presente e tem uma marca. (DGA – político).

Aqui, aparece uma manifestação de apreço pelo falar baiano, a ponto de considerar a imitação do seu falar um sinal de estar presente e ter uma marca reconhecida. Os argumentos, utilizados pelo informante baiano político, para explicitar um julgamento sobre seu falar aparece, num primeiro momento, como uma forma minimizadora, “não gosto da fala”, mas gosto do “sotaque”. É como se só uma parte da variedade baiana fosse boa. Num segundo momento, o mesmo informante baiano político aponta a imitação de sua fala como algo positivo, por dar a essa fala um lugar o de “estar presente”. Todas as suas formas de julgamento confirmam o que SCHLIEBEN – LANGE. (1993) chama de discurso público sobre língua, com o apontamento de avaliações como: “bonito”, “feio”.

Em resumo, dois informantes baianos, apresentam avaliação negativa sobre o próprio falar e um, tenta minimizar a avaliação negativa, num momento com: “a fala é feia”, só “o sotaque é bonito”, para num outro momento apontar que a imitação confere ao falar baiano a marca de estar presente.

4.8- O BAIANO FRENTE A OUTROS FALARES

Para o informante baiano, há o reconhecimento de que os falares goiano, araguiense e

mineiro possuem características semelhantes que vão desde o uso de palavras até o jeito de expressá-las. Tal semelhança é conferida pelos anos de convivência desses falares numa mesma comunidade resultando em uma mistura e incorporação. Lembra o baiano que ele também contribuiu, porém não apresenta nenhuma particularidade dessa contribuição.

O que se observa é que os informantes baianos englobam o pessoal da história da região.

não tem diferença o goiano, o mineiro, ou araguiense. A gente esta junto há muito tempo. (DAG – político)

olha aqui todo mundo fala trem, banhá, não dô conta, deixa disso bichim, poRta, é uma mistura só. A gente fala o “mineireis”, o “baianeis”, o goianeis. Não tem outro jeito a gente pega acostuma sem perceber. (MBB – comerciante)

O informante baiano não só engloba goianos, mineiros e araguienses, como também se inclui através de “a gente” e “baianeis”.

Em relação ao falar paulista, o informante baiano faz uma avaliação positiva, como é possível verificar em:

o paulista tem uma fala interessante. (MBB – comerciante)

gosto muito da fala do povo de São Paulo. (GRA – agropecuarista)

Se o falar paulista é visto como um “falar interessante”, então, positivamente, avaliado

o gaúcho é tido como “enjoativo” e “carregado” na forma de falar.

o gaúcho é muito cheguei; carregado no jeito de falar. (MBB – comerciantes)

você já viu um gaúcho bêbado, não tem quem aguente. Ele fica enjoativo demais.

(GRA – agropecuarista)

Com o entendimento que as atitudes dos informantes são dotadas de sentidos, consideramos que o informante baiano julga negativamente o falar gaúcho, não só pelo falar em si, mas também pela condição do gaúcho na sociedade local. Afinal, o gaúcho é o “forasteiro” que chegou e se instalou juntamente com a promoção da sua cultura.

Assim, para o informante baiano, o seu falar é avaliado como negativo e minimizador, os falares goiano, mineiro e araguiense como partes da história da região, o falar paulista como interessante, porém positivo. O falar gaúcho como “enjoativo e carregado”, então negativo.

4.9- O PAULISTA: SEU FALAR E OUTROS FALARES

O falar paulista é intimamente relacionado ao desenvolvimento do seu estado. Quando um informante diz:

nossa fala é mais desenvolvida; como nosso Estado (PM – agropecuaristas),

por este enunciado, destaca-se a intenção do informante em significar que sua fala é o reflexo do desenvolvimento do seu estado. O implícito da mensagem está na interpretação de que os demais estados e falares são menos desenvolvidos.

Desta forma, a idéia de valoração dos falares é evidenciada pelos sentidos que produzem a atitude lingüística do informante. De um lado, tem-se o próprio falar elevado à uma condição superior; do outro, tem-se os demais falares enquadrados numa condição menor.

Corroborando com a noção de grandeza do falar paulista em detrimento dos demais falares, o informante revela que:

não gostaria de que alguém me imitasse porque eu falo bem. (PM- agropecuarista)

Veja que o informante paulista avalia sua fala como positiva, estabelecendo uma relação de causalidade: região desenvolvida é igual fala desenvolvida. Outra questão observável é que a atitude do informante hierarquiza seu falar como o mais desenvolvido, o que implica em dizer que os demais são menos desenvolvidos. Em se tratando do aspecto *imitação*, o informante entende como algo “pejorativo”, porque na imitação são destacados traços negativos, os estereótipos: como ele “fala bem”, ninguém pode imitá-lo.

Os exemplos que seguem, demonstram que os informantes lançam mão de um “discurso público” sobre a língua para positivar o seu falar, assim:

Ah! Eu acho um jeito correto, bonito, não sei se é o costume. (SJD – comerciante)

Paulista fala bem (NLF – político)

Nestes casos, os informantes manifestam sobre sua forma lingüística, explicitando de um lado o seu saber sobre a língua e, do outro lado, repete elementos do discurso público como “bonito” e “bem” etc.

4.10- O PAULISTA FRENTE A OUTROS FALARES

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Indistintamente, todos os informantes assinalaram que os falares goiano, mineiro, baiano e araguiense, são semelhantes.

As mesmas coisas que tem na fala do goiano, tem na do araguiense, do baiano, do mineiro. Não tem diferença. (SJD – comerciante)

No começo podia até ter diferença, hoje não. O mineiro, baiano, goiano, araguiense é tudo igual. (PM – agropecuarista)

Os informantes paulistas enfatizam que mineiros, baianos, goianos e araguienses possuem formas semelhantes de falar, o que mais uma vez lembra o lugar de cada um deles na história da região do Araguaia, datada do final do século XIX. Vale ressaltar, que os informantes não explicitaram um juízo de valor sobre esses falares, apenas apontaram a relação histórica entre eles como justificativa por suas semelhanças. O falar gaúcho, foi lembrado como “*cuidadoso*” na forma de empregar as palavras.

Você vê um gaúcho falando, ele fala de maneira cuidadosa, procura empregar bem as

palavras. (SJD – comerciante)

O gaúcho acaba se policiando mais quando vai falar, do que os outros. (PM – agropecuarista)

Em termos de querer ser correto, o gaúcho é o que mais capricha (NLF – político)

O fato dos informantes paulistas indicarem que o falante gaúcho apresenta uma certa preocupação na maneira de falar não significa que, para ele, o falante gaúcho é melhor ou tão bom quanto ele, o que faz com que o falar paulista continue no topo da hierarquia que ele criou.

4.11 - O GAÚCHO: SEU FALAR E OUTROS FALARES.

É reconhecível pelo próprio gaúcho que sua identificação ocorre via traços distintivos como o “sotaque” e a “vestimenta”. Essa é a demonstração clara de que seus traços culturais o identificam enquanto membro de um grupo. Para expressar essa marca que o identifica, temos:

Todo mundo identifica um gaúcho falando. Tem o sotaque e o jeito alegre de dizer as coisas. (JAN - agropecuarista)

os gaúchos são expressivos. Ah! É uma fala assim limpa, tem um som muito objetivo.
(DCVA - comerciante)

Eu acho linda a fala do Rio Grande do Sul. É uma fala espontânea, bem alegre.

O gaúcho adota uma atitude positiva quanto ao seu falar, relacionando linguagem e traços específicos da sua cultura regional como "sotaque" e "vestimenta". Descreve, ainda, seu falar como "alegre" e "espontâneo" o que só reforça suas atitudes positivas quanto ao próprio falar.

4.12 O GAÚCHO FRENTE A OUTROS FALARES

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

O comportamento lingüístico do gaúcho engloba os falares goiano e mineiro avaliando-os, negativamente. Segundo o informante gaúcho, o goiano e o mineiro possuem um jeito descansado de falar. Essas considerações servem de pista que indicam o grau de relevância desses falares para o gaúcho. Confira em:

mineiro e goiano chamam atenção pelo jeito descansado de falar. (DCVA - comerciante)

o regionalismo do mineiro e do goiano identifica o seu jeito mole de conversar, sem pressa, sem preocupação . (VAP - político)

O falar paulista é selecionado pelo informante como o mais correto no falar. Justificando tal seleção o informante explica que:

o paulista é exigente no falar e no trato com as pessoas..(JAN - agropecuarista)

o falar do paulista é meticoloso , preocupado . (DCVA - comerciante)

o paulista fala bem, vem de berço; pela evolução do estado . (VAP - político)

Podemos comprovar que as atitudes manifestadas positivam o falar paulista como o *mais exigente, meticoloso, preocupado* e relaciona a qualidade da fala com o desenvolvimento do Estado de São Paulo. O sotaque foi o aspecto responsável pela identificação do falar baiano para os informantes gaúchos.

o sotaque baiano é marcante. (DCVA - comércio)

O exemplo dado demonstra que ao reconhecer o falar baiano como *marcante*, o informante gaúcho individualiza o falar baiano conferindo-lhe um lugar, o de ser “reconhecível”.

Assim, o informante gaúcho considera sua fala positiva, engloba os falares goiano e mineiro avaliando-os negativamente. O falar paulista é assinalado como o *mais correto*, resultado do desenvolvimento do estado de São Paulo e, o falar baiano é tido como *marcante* pelo *sotaque*.

Envolvidos em uma comunidade, onde convivem diferentes grupos culturais e sociolinguísticos, os informantes adotaram atitudes que revelaram que tipo de juízo de valor era designado a cada falar em discussão, inclusive os seus. Em muitas ocasiões, os seus falares foram positivamente valorados, em contrapartida, outros foram destituídos do mesmo prestígio.

As diferenças linguísticas reinantes entre todos, direcionou a adoção de atitudes também diferentes. Na seleção de um falar como o mais desenvolvido o mais correto, se instaura o preconceito que reflete relações de poder. Há que se pesar que as peculiaridades

lingüísticas e culturais de cada grupo oferecem oportunidades para adoção de atitudes também divergentes.

4.13- TODOS SOBRE O FALAR ARAGUAIENSE

Tendo em vista a relação diária dos informantes com o dialeto araguaense, procuramos verificar se eles conseguiam apontar marcas do falar araguaense. Para isso, fizemos a seguinte pergunta: **Você poderia dar exemplos da marca de fala do araguaense?**

O que constatamos foi que todas as respostas indicaram influências de outros falares no vocabulário diário do araguaense do tipo: "uai ", "trem ", sô , banhá , ochente , "não dô conta", herdados do baiano e do mineiro.

A posição dos informantes goianos frente ao falar araguaense é de identificação com o seu falar (goiano – santaritense), o que indica, claramente, uma avaliação positiva. Assim, podemos conferir em:

Fala como o goiano, falá bem. (TC- comerciante)

Tem uma fala bacana , igual a do goiano. (HF-pecuarista)

sou goiana, falo como araguaense. (JZ-político)

O que percebemos é que o goiano – santaritense, ao afirmar que a fala do araguaense é como a sua, “e que” é goiano e fala como o araguaense, tem-se aí duas questões: uma que é

de identificação do falar araguaense com o goiano; e a outra é de identificação do falar goiano com o falar araguaense. Tais questões levam-nos a inferir que os informantes goianos, ao responderem sobre o falar araguaense, respondem também sobre o seu falar. Percebe-se que a relação lingüística entre esses falares (goiano e araguaense) está calcada na semelhança de identidade, onde a fronteira delimitação geográfica cultural e lingüística não é capaz de impor uma divisão entre as comunidades de alto Araguaia - MT e Santa Rita do Araguaia - GO.

Utilizando o exemplo, “Sou goiano, falo como araguaense”, retratamos a questão de que o falante para falar de sua própria fala o faz através de outra fala, ou para comparar ou significar o contrário. Neste caso, goianos e araguaenses usam o espelho um do outro para chegar a uma comparação.

O mesmo apego e defesa pelo *local* está presente nas atitudes lingüísticas dos goianos, haja vista o dado: *tem uma fala bacana, igual a do goiano*. A exclusão de outros falares também se faz presente neste dado, onde a união do falar goiano e araguaense inclui apenas o que é igual e semelhante.

A exposição que faremos a seguir, servirá para reforçar que os informantes mineiros, baianos, paulistas e gaúchos vêem o falar araguaense como resultante de *muitas influências* ou de *muitas misturas*, ponto de onde partiremos para uma breve análise.

Não possuem uma fala típica como o cuiabano, tem muitas influências como a do nordestino "ochente", "não dô conta. (mineiro - político)

A fala do araguaense é fruto de uma mistura muito grande, baianos, mineiros,

goianos, paulistas. (mineiro - comércio)

O falar araguaense é uma mistura resultante do povoamento da região. (mineiro-agropecuarista)

É uma mistura muito grande, igual a do goiano, falam "muagi, racha, poRta, caRne. Tem palavras mineiras "uai", "trem", baianos: "banhá", não dô conta". (baiano - político)

A fala do araguaense é muito misturada, é mais mineira. E a fala se parece com o mineiro. É a origem. (baiano - agropecuarista)

Parecida com a do goiano. Normal (baiano - comércio)

É uma mistura de outros falares: mineiro, baiano, goiano, paulista". Falam guerobá, quibebi, banhá. (paulista - político)

É uma fala agradável a daqui. misturam trem, banhá, não dô conta. (paulista - comércio)

O dialeto araguaense é a mistura de outros falares, só que se criou um jeito de dizer. Não dá prá compará.. É diferente do cuiabano. (paulista - agropecuarista)

É, a fala do goiano, é agradável. (gaúcho - política)

Acho que é uma fala mesclada mas, não sei dar um exemplo. (gaúcho - comércio)

A fala do araguaense vem de outros estados. Tem muita mistura com o goiano, provavelmente devido a fronteira. Só que tem mineiro e baiano. (gaúcho - agropecuarista)

A primeira questão que queremos assinalar é a exclusão do falar araguaense como pertencente ao estado de Mato Grosso. Nos exemplos expostos, pode-se perceber que todos identificam marcas do falar araguaense como resultado de influências recebidas por ocasião

de sua povoação.

Em nenhum momento, há a indicação de que o falar araguaense pareça com o falar ou falares de outros pontos do Estado de Mato Grosso, ou tenha recebido qualquer tipo de influência mato-grossense, no que diz respeito ao lingüístico. O certo é que araguaenses nativos e não nativos sempre buscaram recursos no comércio, na saúde, na educação e tecnologia, fora das cidades mato-grossenses, o que pode encontrar razões na memória histórica do mato-grossense que comparado ao índio era visto como preguiçoso, lento e despojado de vontade para o trabalho. Se a memória histórica é a responsável pelas atitudes dos araguaenses e não araguaenses que residem em Alto Araguaia é aceitável entender o porque da busca de identidade com outra cultura.

Notoriamente, todos os dados são indicadores fortíssimos de que a identidade do falar araguaense tem raiz em muitas influências, influências estas que não passam pela participação do Estado de Mato Grosso.

Assim, quando o informante diz que o araguaense *não possui uma fala típica*, há uma outra voz no enunciado que afirma que o araguaense possui uma *fala típica*. E é nesse jogo, eventualmente, que se pode negar o que o outro teria dito, dizendo *não possui uma fala típica*. Nesta leitura está o que DUCROT (1981), chama à atenção, que há uma afirmação dentro de uma negação.

Ao assumir uma postura de que o araguaense não possui uma *fala típica*, é preciso apresentar que as razões para isso são as *muitas diferenças*. Seguindo a linha de raciocínio de que o falar araguaense resulta de muitas influências, encontramos em:

O dialeto araguaieense é a mistura de outros falares, só que se criou um jeito de dizer: Não dá para compará. É diferente do Cuiabano. (paulista – agropecuarista)

Uma atitude que apresenta a exclusão do falar araguaieense como pertencente ao Estado de Mato Grosso, não indicando com ele nenhuma semelhança. Com as expressões, *não dá pra compará. É diferente do cuiabano*, há uma posição implícita de não pertencimento e não comparação, que reafirma as influências de outros estados.

O exemplo acima ilustra a idéia de que o dialeto araguaieense possui uma origem composta pela mistura de outros falares. Ao afirmar essa composição de misturas, o informante explicita o lugar de identidade do falar araguaieense.

Posto de outra forma, é sempre no lugar em que eles nunca afirmam uma identidade, é que está presente a afirmação de que a identidade do falar araguaieense é feita de “muitas misturas”. Também o fato de dizer que: *o dialeto araguaieense é a mistura de outros falares, só que se criou um jeito de dizer (...)*, por si só o trecho *se criou um jeito de dizer*, afirma qual é a identidade do falar araguaieense.

O enunciado acima mostra uma voz que diz que o araguaieense possui uma *fala típica* e, uma outra voz que diz *não possui fala típica*, o que ele possui são muitas influências. No entanto, são as “muitas influências” que constituem o seu falar típico que o afasta de ser cuiabano, uma vez que o cuiabano não está presente nas “muitas influências”.

Um outro ponto que chama bastante a atenção é a identificação do araguaieense com o Estado de Goiás pela forma de falar. Tais atitudes demonstram que o araguaieense parece não ter um lugar fixo de identidade. Quando um araguaieense diz que sua fala *é normal como a de um*

goiano (NC- comércio), ele está afirmando que seu lugar de representação tem afinidade com o Estado de Goiás e não com Estado de Mato Grosso. Por outro lado, se ele é resultado de muitas influências, num certo sentido, ele é diferente também do *goiano*. Cabe então apontar que o *araguiense* parece não ter consciência de um lugar fixo para sua identidade.

É fato que *araguienses* e *goianos* (*santaritenses*), possuem um modo heterogêneo de se auto-designar. O *araguiense* auto-designa sua fala “normal” como a do *goiano*; o *goiano* se auto-designa pelo gentílico do seu estado “sou *goiano*” e, pelo gentílico da cidade de Alto Araguaia, “falo como *araguiense*”. Parece que o lugar das semelhanças entre *araguienses* e *goianos*, também constitui o lugar das diferenças.

Assim, é que todos os exemplos expostos marcam claramente que o falar *araguiense*, para mineiros, baianos, paulistas, e gaúchos é resultado de muitas influências. Influências estas que ditam que o falar *araguiense* é, tipicamente, misturado.

Quadro de atitudes manifestadas

X	Araguaense	Goiano	Mineiro	Baiano	Paulista	Gaúcho
Araguaense	+	+	+	+	+	- F +P
Goiano	+	+	-	-	-	+
Mineiro	0	0	+	-	0	0
Baiano	E ₁	E ₁	E ₁	-	+	-
Paulista	+s	+s	+s	+s	+	+
Gaúcho	+	-	-	-	+	+

O quadro acima é uma síntese representativa das atitudes lingüísticas manifestadas por nossos informantes quanto ao próprio falar e o falar do outro. Usamos o símbolo (+) para indicar avaliação positiva; (- F) menos na fala; (+P) positivo quanto a profissão (é trabalhador); (-) avaliação negativa; (0) não houve manifestação; (E₁) engloba falares na avaliação; (+s) os falares são positivos e semelhantes.

4.14- ATITUDES LINGÜÍSTICAS X ATIVIDADES OCUPACIONAIS

Os comerciantes foram unânimes em dizer que:

Todos são tratados da mesma maneira. (TC- GO)

Não é preciso trata ninguém com diferença. (DCVA-RS)

Todos merecem o mesmo respeito. (HF-MG)

O dinheiro de cada um tem o mesmo valor. (NC-Aaia)

Todos são tratados da mesma forma, sem separação.(SH-BA)

Com os dados fornecidos pelos informantes comerciantes, temos através de “todos” uma quantificação que diz respeito do lugar que o comerciante reserva aos seus clientes.

Todos ocupam o mesmo lugar de respeito, de valor. todos recebe o mesmo tratamento e completa: o dinheiro de cada um tem o mesmo valor.(NC-Aaia)

O que se percebe, logo de início, é que a questão da geografia desaparece por completo nesta relação - comerciante versus cliente. O que passa a ter destaque é o papel ou a função do uso da língua para o exercício da sua atividade. As respostas dos comerciantes produzem sentidos que inscrevem “todos” num mesmo lugar de tratamento e respeito sem separação e, inscreve o comerciante no lugar daquele que precisa saber respeitar “todos” para garantir sua atividade.

A alusão implícita de que no comércio todos têm o mesmo valor, aparece principalmente, no

seguinte dado:

O dinheiro de cada um tem o mesmo valor (NC-Aaia)

o que significa dizer que há o mesmo valor para o dinheiro de cada um, não há razão para tratamento diferenciado.

Com o desaparecimento da geografia e o uso da língua para o exercício da sua atividade, o comerciante diz não fazer diferença entre fregueses. Há que se considerar que a relação posta é comercial e para o comerciante, não importa quem está comprando, ou quanto está comprando. Interessa que compre e continue comprando. Já os políticos disseram que:

Cada um tem seu jeito de ser, então a gente faz uma adequação no tratar. (JSMN-Aaia)

Todos são iguais no tratar. Pelo menos comigo. (JZ-GO)

Tenho o mesmo respeito por todos, independente de onde veio. (AF-MG)

O meu trabalho exige respeito com todos. (DGA-BA)

Se é uma pessoa mais humilde, procuro ser bem agradável, deixar ela bem à vontade. (NLF-SP)

Ao lado da aparente semelhança, opinião genérica e bem intencionada dos políticos, percebemos algumas particularidades:

- O político chama à atenção para a necessidade de se fazer uma adequação no tratamento a ser dispensado a algumas pessoas:

Se é uma pessoa mais humilde procuro ser bem agradável, deixar ela bem à vontade. (NFL-SP).

Com isso, o político destaca a classe social do seu interlocutor. Veja que se com a pessoa “humilde” ele fala de um jeito, podemos inferir que com as “não humildes”, vai falar de outro jeito. Ao usar o termo “humilde”, o informante político põe em evidência a classe social do seu interlocutor. A igualdade no trato é outra particularidade apresentada pelo político, ao dizer que:

Tenho o mesmo respeito por todos, independente de onde veio; .(AF-MG)

O meu trabalho exige respeito de todos. (DGA-BA).

Os políticos, então, apresentam atitudes com duas particularidades: a igualdade no trato e a necessidade de adequação.

No que se refere aos agropecuaristas, temos os seguintes dados:

A maneira que falo com um vaqueiro é diferente da maneira que falo com quem vai comprar gado. A situação determina.(MM-BA)

Às vezes é preciso saber um pouco do regionalismo para saber tratar alguns.(PM-SP).

Depende do assunto e da pessoa, se você já conhece tem um jeito, se você não conhece tem outro.(HF-GO)

No meu trabalho, tenho o mesmo respeito por cada um, não distingo rico e pobre nem a fala, todos tem sua importância. (AF-MG)

Cada pessoa você trata de acordo com a situação.(GRA-BA)

O diferente não existe no tratar, apenas o respeito. (JAN-RS)

Essa amostra de dados indica que para os agropecuaristas existem diferenças claras entre as pessoas. Assim, é que o vaqueiro é “diferente” do comerciante e do comprador de gado. O exemplo que se segue confirma o dito:

a maneira que falo com um vaqueiro é diferente da maneira que falo com quem vai comprar gado. A situação determina.(MM-Aaia)

Além das diferenças apontadas entre ser “vaqueiro” e ser “comerciante”, para o informante agropecuarista, a situação determina o tratamento a ser dispensado ao seu interlocutor. Dito de outra forma, a situação, o negócio e a pessoa é que determinam a forma de tratamento para o agropecuarista. O primeiro exemplo deixa bem claro esse pensamento, pois demonstra que cada pessoa com uma dada função requer formas diferenciadas no tratar, não retirando da situação o assunto em pauta na hora da comunicação. Assumir que não se fala com um “vaqueiro” da mesma forma que se fala com um “comprador de gado”, é assumir também que cada um ocupa lugares diferentes na representação social.

Corroborando com o exposto acima, temos outro exemplo:

cada pessoa você trata de acordo com a situação. (RA-BA)

Neste caso, o implícito fica por conta da “situação” em que uma pessoa não é tratada no

bar da forma que é tratada em um hospital. Para cada situação em que a pessoa está inserida, há a correspondência de uma forma de tratamento. O agropecuarista sinaliza, então, que sua atitude lingüística varia em função da origem geográfica, do grupo social, do grau de intimidade com o interlocutor e do assunto.

Dessa forma, temos o comerciante “sempre” dentro de uma relação comercial em que, lidar com os seus clientes, segue sempre uma mesma forma de tratamento. Já o político e o agropecuarista se envolvem em situações de interações diferentes. O político lida com eleitores de classes sociais diferentes e lida com grupos empresariais, econômicos e políticos; o agropecuarista lida com empregados de classe social baixa e com clientes de classe social alta. O político, em suas interações, precisa ser gentil e agradável pelo voto e, o agropecuarista, pode ser profissional ou gentil.

Observações como estas inferem que as atividades ocupacionais apresentam certas particularidades que indicam a importância no tratamento a ser dispensado a cada pessoa. Enquanto na atividade do comércio não se faz nenhum tipo de distinção entre os fregueses, as atividades da política e da agropecuária são marcadas por diferentes traços como: a igualdade no trato e a necessidade de adequar para os políticos e, o entendimento de que, a situação, a pessoa, o assunto, o grau de intimidade é que determinam o tratamento a ser dado a cada pessoa, para o agropecuarista.

Neste universo, o papel da linguagem é o de assegurar a manutenção da interação de comerciantes, políticos e agropecuaristas com seus interlocutores. Porém, a interlocução pode se apresentar de diferentes maneiras em função dos objetivos de cada atividade ocupacional.

4.15- A CONSTITUIÇÃO LINGÜÍSTICA E CULTURAL DO ARAGUAIENSE

Mediante os depoimentos colhidos, através das entrevistas realizadas com araguienses e não araguienses, faremos uma explanação sobre o que manifestam cada um com relação à formação básica de constituição lingüística e cultural do araguiense, tendo raízes nos dialetos mineiro, baiano, goiano e paulista.

Na parte inicial deste trabalho, já fizemos um pequeno traçado histórico sobre a povoação do Araguaia, destacando feitos e nomes que compõem esse processo. No entanto, o que relatamos anteriormente é de cunho histórico. O que apresentaremos agora é o reforçamento de uma história com dados lingüísticos e culturais. Para tanto, exporemos depoimentos dos araguienses filhos da terra e conhecedores da história regional. Dentre as perguntas selecionadas, destacamos a (1) que busca saber qual a origem de avós e pais dos entrevistados:

(1) porque seus avós ou pais vieram para Alto Araguaia?

Meus avós vieram pela terra. Eram baianos: chegaram em 1903 e trabalharam na medição de terras no estado de Mato Grosso. Conheço a história de Alto Araguaia, minha família faz parte da história de Mato Grosso, da Guerra Carvalhinho e Morbeck. (MM-agropecuarista)

Meus pais nasceram em Alto Araguaia. Meus avós são mineiros, vieram para Alto Araguaia pra mexê com transporte de bois, boiadas, terras e também com garimpo. Tô falando dos meus avós paternos. Os maternos são goianos.(NC-comércio)

Meus avós maternos, eles vieram pra Alto Araguaia por causa do garimpo e da pecuária. Os paternos eu não sei. Os meus pais são daqui. Ah! Todos vieram de Minas.(JS-político)

Os depoimentos transcritos apenas reforçam a origem dos araguienses informantes como originários dos mineiros, baianos e goianos, ficando fora destes depoimentos, apenas o paulista. Uma vez constatada a origem dos araguienses com mais de trinta anos, constatamos também, a origem do falar araguiense, que é relatado por todos como resultado da união de falares como o baiano, o mineiro e, principalmente, o goiano. O araguiense não perde a chance de situar-se lado a lado do goiano, tanto no histórico quanto no lingüístico e cultural. Afinal, o goiano da fronteira também sofreu as mesmas influências mineiras e baianas que o araguiense.

Dentre as culturas que fazem parte da história local, destacam-se novamente o mineiro, o baiano e o goiano como os grandes contribuidores da culinária, das festas e danças, vestuário e religião. Expressões como: “*ochente, não dô conto, lem vinha, bichim; banhá, guri, uai, trem, sô, por conta de que*”, fazem parte do uso corrente do araguiense, comprovando as influências recebidas e incorporadas. Se a literatura mato-grossense tem em seus registros que o mineiro e o baiano foram os primeiros povoadores da região do Alto Araguaia, que incluía Santa Rita do Araguaia – GO, hoje temos o acréscimo de que o lingüístico e cultural do

araguaiense encontram-se enraizados nesses povoadores do final do século XIX e início do século XX.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Este trabalho foi iniciado com o propósito de analisar "atitudes lingüísticas de falantes nativos (araguienses) e não nativos (goiano, baiano, mineiro, paulista e gaúcho) com mais de trinta anos, inseridos nas atividades ocupacionais do comércio, política e agropecuária. Assim sendo, o presente estudo permitiu realizar a questão das atitudes lingüísticas a partir de dois pontos de vista:

- de um lado, atitudes sobre a própria fala e a fala de grupos lingüísticos de origens geográficas distintas em contato dentro de uma mesma comunidade;
- de outro, atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional de indivíduos.

Pela análise, constatamos que goianos e araguienses se vêem como "semelhantes", o que resulta em uma identificação entre as partes, no que concerne ao falar. O curioso é que mineiros, baianos, paulistas e gaúchos também identificaram os falares araguiense e goiano (santaritense) como parecidos, apesar do acréscimo que resultam de uma mistura.

Outro dado interessante foi a verificação da não relação do falar araguiense como o falar mato-grossense, instituindo assim, ao falar araguiense, um lugar de pertencimento e semelhança com o Estado de Goiás, mais especificamente com Santa Rita do Araguaia, Goiás.

Ficou claro que, araguienses e goianos, apresentam atitudes lingüísticas que os identificam como semelhantes, porém, quando o assunto foi avaliar outros falares,

araguienses e goianos se diferenciaram. A exemplo, o araguiense avaliou negativamente o falar gaúcho e, positivamente, o falar paulista. Já o goiano julgou positivamente o falar gaúcho e, negativamente, o falar paulista. Percebemos, então, que araguienses e goianos só se aproximam e se identificam quando a questão que está em jogo é o próprio falar.

Todos os araguienses avaliam positivamente a própria fala e a do goiano e adotam uma postura de positividade e camaradagem para os falares, mineiro e baiano, de mais correto para o “paulista”, e de negatividade para o falar “gaúcho”.

Nota-se que o araguiense avaliou positivamente os falares goiano, mineiro, baiano, e paulista, ficando fora desse conjunto apenas o gaúcho classificado de *arrogante no jeito de falar*. No entanto, quando o assunto foi *trabalho, contribuição* todos os araguienses manifestaram-se positivamente com relação ao gaúcho, reconhecendo o avanço que a região teve com sua chegada. Cabe registrar que, enquanto o araguiense acha o falar gaúcho arrogante, por isso negativo, o gaúcho acha o falar araguiense resultado de uma mistura, que não desagrada.

Como já discurremos anteriormente, o goiano acredita que o seu falar é como o falar araguiense, estando sua manifestação lingüística recheada de um apego que, provavelmente, tem origem na constituição histórica de ambos. O goiano reconhece no mineiro, e baiano sua origem, sua herança e até parte do seu vocabulário, mas é no araguiense que registra discursivamente sua identidade lingüística. Em se tratando do falar paulista, houve o apontamento de manifestação negativa, quando o goiano considerou o falar paulista como desagradável e com problemas gramaticais como a troca de “l” por “r”. O gaúcho foi,

positivamente avaliado como zeloso pela forma de falar.

O informante baiano foi o único que avaliou negativamente o próprio falar, fato que pode estar relacionado ao lugar de onde fala, fora de sua terra, condição que o torna afetado pelo lugar em que vive e pela história, haja vista que migrou para a região de Alto Araguaia-MT em busca de trabalho e riqueza. Neste universo, o baiano parece ter incorporado a visão dos outros sobre a sua condição social.

Quanto aos falares, araguiense, goiano e mineiro, o informante baiano aponta características que vão desde o uso de palavras até a forma de expressá-las. O falar paulista recebe uma manifestação positiva sem grandes comentários, ao passo que o gaúcho é negativamente valorado como "enjoativo". Fato provável pela leitura de que o gaúcho é o forasteiro que está fora da história dos primeiros povoadores da região.

Em se tratando do próprio falar, o mineiro tem uma atitude positiva e, mais que isso, ele individualiza o seu falar. Esta individualização é percebida pelos sentimentos de brasilidade e autenticidade que lhes são conferidos. Assim, o informante mineiro avalia positivamente a sua fala.

Em suas manifestações, os informantes mineiros inferem que o falar baiano não possui autonomia, englobando-o com o grupo de nordestinos. Para o informante mineiro, parece haver só o grupo nordestino do qual o baiano faz parte.

Os falares, goiano e paulista, se misturam para o informante mineiro, o que faz com que sejam englobados pela dificuldade encontrada em fazer uma separação entre os mesmos. Já o gaúcho, é reconhecido por causa do "sotaque". Percebemos então, que o mineiro inscreve o seu falar num lugar de brasilidade e autenticidade que o individualiza dos demais falares.

O informante paulista relaciona o seu falar ao desenvolvimento do seu estado, como é possível comprovar em:

nossa fala é a mais desenvolvida, como nosso estado. (PM-agropecuarista).

Por este enunciado, destaca-se a intenção do informante em relacionar a sua fala “desenvolvida” como reflexo do seu estado “desenvolvido”. Outra questão observável é que a atitude do informante hierarquiza seu falar em detrimento dos demais. A noção de grandeza do falar paulista é reforçada pelo depoimento que diz:

não gostaria que alguém me imitasse, porque eu falo bem.(PM-agropecuarista).

O informante destaca a imitação como algo pejorativo, aspecto importante para que ele não queira ser imitado. Afinal, na imitação traços negativos são destacados. Indistintamente, todos os informantes paulistas assinalaram que os falares goiano, mineiro, baiano e araguaense são semelhantes. Pelo depoimento:

as mesmas coisas que tem na fala do goiano, tem na do aragauense, do baiano e do mineiro. Não tem diferenças. (SJD- comerciante).

As semelhanças apontadas, mais uma vez, lembram o lugar de cada um dos falares na história da região de Alto Araguaia. O que se tem então, é o estabelecimento de uma relação com a história datada do final do século XIX.

Separado desta relação histórica, o falar gaúcho é lembrado como “cuidadoso” na forma de empregar as palavras. Mesmo sendo visto como “cuidadoso” quanto ao seu falar, o

informante paulista não diz que o falar gaúcho é o melhor ou tão bom quanto o seu falar; mantendo-se assim, o seu falar paulista no topo da hierarquia que criou, visto que o seu falar é o mais desenvolvido como o seu estado.

O próprio gaúcho reconhece que sua identificação ocorre via traços distintivos, no caso: o sotaque e a vestimenta. Estes traços indicam um grupo que procura preservar sua cultura, positivamente.

Os falares goiano e mineiro chamaram a atenção do gaúcho pelo jeito descansado de falar, o que lhes conferem, implicitamente, uma valoração negativa.

Para o informante gaúcho, o falar baiano é identificado pelo “sotaque” que ele considera “marcante”. Ao achar o falar baiano “marcante”, o informante individualiza o baiano, ofertando-lhe um lugar, o de ser reconhecível pelo sotaque. Já o falar paulista é visto como “metucioso”, “preocupado”, “evoluído”, etc. O informante gaúcho justifica que o falar paulista é o mais correto, em consequência do berço e da evolução do Estado de São Paulo:

o paulista fala bem, vem de berço, pela evolução do Estado. (VAP- político).

No que toca às posições dos informantes quanto ao falar araguaense, todos o reconhecem como semelhante ao falar goiano, acrescido de “muitas influências” ou “misturas” que estão relacionadas à história de povoação da região e o convívio diário entre dialetos.

A visão de que Alto Araguaia-MT é uma comunidade compósita e diversificada, é uma constante entre todos, inclusive, entre os araguaenses. De acordo com as atitudes manifestadas, o falar araguaense é resultante de “muitas misturas” e “influências” que

excluem a participação do Estado de Mato Grosso no lingüístico araguaense. Nenhum dos depoimentos dados indica que o falar araguaense pareça com o falar ou falares de outros pontos do Estado de Mato Grosso.

Todos os dados apontam a identidade do falar araguaense, tendo raiz em muitas influências que passam pelos estados de Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Goiás.

Em referência ao fato de que o araguaense “não possui uma fala típica”, há um apontamento implícito afirmando que o araguaense possui “uma fala típica”, sendo que o “típico” do falar arguaiense é ser “muitos” e ter “muitas influências” e “misturas”.

No que diz respeito ao segundo ponto de vista deste trabalho – as atitudes sobre o papel que a linguagem desempenha na atividade ocupacional de indivíduos – observamos que, o comerciante, ao manifestar atitudes de tratamento de respeito a todos os seus fregueses, promove um desaparecimento da geografia em função do uso da língua para o exercício da sua atividade. Há que se ressaltar que o comerciante tem uma relação de comércio com sua clientela, onde não importa quem esteja comprando, nem o quanto está comprando, importa apenas que se compre sempre.

As atitudes dos comerciantes produziram sentidos, inscrevendo “todos os seus fregueses” num mesmo lugar de respeito e tratamento, sem promoção de separação ou diferença. O que se percebe é que o comerciante em sua interação diária, exigida pela atividade do comércio, precisa saber respeitar “todos” para garantir o sucesso financeiro de seu investimento. Para reforçar o que acabamos de dizer, ilustramos com o seguinte depoimento:

o dinheiro de cada um tem o mesmo valor. (NC-AAia).

Com isso, temos que se o dinheiro possui o mesmo valor entre todos, não há motivo para tratamento diferenciado.

Nas atitudes manifestadas pelos políticos, há uma aparente semelhança genérica e bem intencionada. Porém, destacamos algumas particularidades como:

- há a necessidade de fazer uma adequação no tratar com as pessoas “humildes”, o que leva a inferir que com as não humildes o tratamento será diferente. Neste caso, tem-se também, o evidenciamento de classes sociais distintas.

- Todos são tratados com o mesmo respeito, independente da origem geográfica. O que se infere, neste item, é que o político lida com eleitores que são a sustentação de sua permanência na ocupação da política. Fato que faz com que a geografia não tenha nenhuma interferência na interação com o seu interlocutor.

Em síntese, as particularidades apresentadas pelos políticos se resumem em igualdade no trato e necessidade de adequar.

As atitudes apresentadas pelos informantes agropecuaristas indicam que existem diferenças entre as pessoas, o que faz com que um vaqueiro não seja tratado da mesma maneira que um comerciante ou comprador de gado. A exemplo, temos:

A maneira que falo com um vaqueiro é diferente da maneira que falo com quem vai comprar gado. (MM-agropecuarista)

Um outro ponto destacado pelo informante agropecuarista diz respeito ao fato de que a situação determina que tipo de tratamento tem que ser dispensado ao seu interlocutor, se

formal ou informal. Assim, em:

cada pessoa você trata de acordo com a situação. (GRA-BA). Tem-se nesse implícito, que uma pessoa não pode ser tratada no bar da mesma forma que deve ser tratada em um hospital. Para cada situação, há a correspondência de uma forma de tratamento.

O agropecuarista assinala que sua atitude lingüística vai variar em função da origem geográfica, grupo social e grau de intimidade com o interlocutor e assunto.

Então, enquanto o comerciante está sempre dentro de uma relação comercial dispensando o mesmo tratamento a “todos os seus fregueses”, o político e o agropecuarista se envolvem em situações de interações distintas. Os políticos lidam sempre com eleitores de diferentes classes sociais e lida ainda com grupos empresariais, econômicos e políticos. Para cada situação de interação, o político adequa uma forma de tratamento. Já o agropecuarista aponta claramente que há diferenças entre as pessoas, o que exige um tratamento de acordo com a pessoa, o assunto e a atividade de seus interlocutores.

Assim, os informantes comerciantes, políticos e agropecuaristas evidenciam atitudes lingüísticas de acordo com os objetivos ou interesses de cada ocupação. Enquanto na atividade do comerciante, “todos” são tratados da mesma forma, as atividades da política e da agropecuária são marcadas por traços que vão desde a igualdade no trato e a necessidade de adequar para os políticos, até o entendimento de que a situação, a pessoa e o assunto são determinantes para o tipo de tratamento a ser dispensado para o agropecuarista.

O que se pode concluir é que o papel da linguagem, entre atividades ocupacionais, é o de assegurar a manutenção de interação dos comerciantes, políticos e agropecuaristas, com seus interlocutores. Além do que a interlocução pode se apresentar de maneiras diferentes.

Como vimos, os informantes revelaram suas atitudes em relação aos dialetos em contato com os quais convivem na cidade de Alto Araguaia.

Nesse sentido, pudemos observar os juízos de valor sobre os dialetos em contato, isto é, sobre a realidade lingüística quotidiana. Além disto, foi possível observar também, a atitude dos informantes em relação ao uso da linguagem nas situações de interação geradas ou proporcionadas pelas suas atividades ocupacionais.

ABSTRACT

The present work aimed at to verify the linguistic attitudes of miners, bahians, goianos, gauchos and araguienses, from colon of sight: 1° - attitudes on speech of linguistic groups of distinct geographic origins, in contact inside of one same community and, 2° - attitudes on the paper that the language plays in the occupational activity of individuals. To the end of the research, after to have analyzed such attitudes, the results had indicated that all, with exception of the Bahian, evaluate the proper one positively to speak. E to say of the others the attitudes to it if is similar at some moments and divergem in others, with notes of value judgments as: " well ", " loaded ", " meticulous ", " excellent ", " enjoativo ", " developed ", " authentic ", etc. How much to the paper of the language, in the occupational activity of individuals, the attitudes had indicated that the interactions of the individuals with its interlocutors in accordance with occur the interests and objectives of each occupation, where the paper of the language are to assure the maintenance of the interlocution.

VI- BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Maria Isolete Pacheco Menezes. 1979: *Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo*. Campinas, SP. UNICAMP, (dissertação de mestrado).
- ATTINASI, John. *Language Attitudes in a New York Puerto Rican Community*, 1979: Etnoperspectives in Bilingual Education Research: Bilingual Education and Public Policy in the United States, Ypsitant, Eastern Michigan University.
- BAGNO, Marcos. 1999. *Preconceito Lingüístico: o que é, e como se faz*. São Paulo, Loyola.
- BERRUTO, Gaetano. 1979: *La sociolingüística*. México. Nueva Imagem
- BOUCHARD, Ellen e GILES, Howard (eds.) 1982: *Attitudes toward language variation. Social and applied contexts*, London, Edward Arnold.
- COHEN, Andrew D. 1975: *Attitudes Toward Language and Culture, and School, A sociolinguistic Approach to Bilingual Education*, Rowley, Mass, Newbury House Publishers.
- CORVALÁN, C. Silva. 1989: *Sociolingüística. Teoría y análisis*. Madrid. Alhambra.
- COULON, Alain. 1995: *Etnometodologia e Educação*. Rio de Janeiro. Vozes.

1993: *Dicionário Brasileiro Globo*. 31º ed. São Paulo. Globo.

DUCROT, Oswald. 1981: *Provar e Dizer: Leis lógicas e leis argumentativas in o papel da negação na Linguagem Comum*. São Paulo. Global.

ELGIN, Suzette Haden. 1974: *Que é Lingüística?* Rio de Janeiro. Zahar.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. 1988: *Sociolingüística En E.E.U.U. (1975-1985)*. Málaga. Librería Ágora.

FISHMAN, Joshua. 1971: *Bilingual attitudes and behaviors*, In *Bilingualism in the barrio*. Bloomington, Indiana University.

RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (orgs). 1998: *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre. Age.

GOLDEMBERG, Míriam. 1997: *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro. Record.

GUIMARÃES, Alba Zaluar. 1990: *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro. Francisco Alves.

LABOV, Willian. 1977: *Sociolingüistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania

Press.

MARCELLESI, J. B. & GARDIN B. 1975: *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa. Aster.

MARCUSHI, Luiz. 1975: *Linguagem e classes sociais*. Porto Alegre. Movimento.

OLIVEIRA, Altair Machado de. 1998: *Alto Araguaia - Dos garimpos à soja*. Cuiabá. Print Express.

PEREIRA, Wladimir. 1978: *Demografia do subdesenvolvimento*. São Paulo. Ed. Saraiva.

RAMOS, Jânia M. 1997: Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte. UFMG.

RECTOR, Mônica & TRINTA Aluizio Ramos. 1990: *Comunicação do corpo*. São Paulo. Ática.

SAPIR, Edward. 1971: *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro. Acadêmica.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. 1982: *The Ethnography of Communication*, Oxford, Basil Blackwell.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. 1993: *História do falar e história da lingüística*. Campinas, SP. UNICAMP.

SCHUY, Roger W. S . & FASOLD, Ralph W. 1973: *Language Attitudes: Current Trends and Prospects*, Washington, D. C. Georgetown University Press.

SOUZA, Álvaro José de. 1991: *Geografia Lingüística: dominação e liberdade*. São Paulo. Contexto.

SUMPT, J. 1968: *Socio-lingüistique*. Paris, Larrouse, (Langages, nº. 11)

TARALLO, Fernando. 1986: *A pesquisa sócio-lingüística*. São Paulo. Ática.

_____. 1989: *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas. Pontes: UNICAMP.

TAUBE, Maria José de Mattos. 1986: *De migrantes a favelados: estudo de um processo migratório*. (Vol. I). Campinas. UNICAMP.

VENDRYES, J. 1951: *La evolución de la Humanidad*. México. Printed.

VEYNE, Paul. 1983. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. São Paulo. Brasiliense.

ANEXOS

FICHA SOCIAL

Nome: _____

Nascido em: _____

Idade: _____

Profissão _____

Anos de residência nesta cidade: _____

Cônjuge nascida(o) em _____

Pai: _____

Natural de: _____

Mãe: _____

Natural de: _____

Questionário – Araguaenses

- 1– Porque seus avós ou pais vieram para Alto Araguaia?
- 2– De onde são seus avós e seus pais?
- 3– Você acredita que, estando em outro lugar, as pessoas possam saber de onde é, simplesmente pela maneira como você fala? Porquê?
- 4– Você conhece a história de Alto Araguaia? Sabe a origem de seus habitantes?
- 5– O falar araguaense se parece com o de que estado?
- 6– Entre os tipos de falas: baiana, mineira, paulista, goiana, e gaúcha, qual você acha mais bonita e qual você acha mais feia? Porquê?
- 7– Dentre os grupos que vivem aqui, quem você acha que preserva melhor suas tradições? Porque? Dê exemplos?
- 8– O araguaense tem alguma tradição?
- 9– Você poderia dar exemplos da marca de fala do araguaense?

10–Pra você, ricos e pobres falam da mesma maneira?

11–No seu círculo de amizade tem mais gente daqui ou de fora? De onde?

12–No seu trabalho, com que tipo de gente você se relaciona diariamente?

Quais os mais agradáveis? _____

Quais os menos agradáveis? _____

13–Das pessoas que vivem em Alto Araguaia, quem você pode dizer que fala bem?

Razão?

14–Você seria capaz de imitar, um gaúcho, um mineiro, um baiano, um paulista ou um goiano falando?

15–Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para lidar com cada pessoa (mineiro, paulista, goiano, gaúcho, araguiense, baiano) ou não?

16–A vinda de pessoas de outros estados para cá, foi benéfica ou não? Razões?

17–Dos grupos que vivem aqui, qual mais contribuiu para a cultura local?

18–Você reconhece de onde as pessoas são só pelo jeito de falar?

19– Mineiros, baianos, paulistas, goianos, gaúchos, o que você reconhece da cultura de cada um, na cultura araguiense?

20–Entre as falas: mineiras, goiana, paulista, baiana, gaúcha, qual a mais bacana? Qual a menos bacana? E a fala araguiense?

21–Como você analisa a fala do Araguiense?

UNIVERSIDADE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário – Não-araguienses

- 1– Porque você deixou sua terra e veio para Alto Araguaia?
- 2– Para você, ricos e pobres falam da mesma maneira?
- 3– Já lhe aconteceu, aqui em Alto Araguaia reconhecer as pessoas de sua terra, simplesmente ouvindo-as falar?
- 4– No seu trabalho, com quem você mais lida diariamente: araguienses, gaúchos, goianos, paulistas, mineiros ou baianos? É preciso escolher um jeito diferente para tratar cada uma dessas pessoas?
- 5– O que você pensava de Alto Araguaia antes de vir para cá? E agora?
- 6– Você seria capaz de imitar um araguiense falando? E um gaúcho, mineiro, baiano, paulista, goiano?
- 7– Entre as falas: paulista, goiana, gaúcha, mineira, baiana, araguiense, qual você acha mais bacana e qual a menos bacana?
- 8– Entre paulistas, mineiros, goianas, gaúchos, baianos, e araguienses, qual exige de

você mais cuidado no tratar? Porquê?

9– O que você destacaria na tradição araguiense? Que outra tradição é cultuada aqui que você gosta?

10–O que você acha da fala araguiense?

Ela se parece com que fala? _____

Você poderia destacar marcas do falar araguiense? _____

11–Das falas existentes em Alto Araguaia: paulista, goiana, gaúcha, mineira, baiana, qual você menos gosta? Porquê?

12– O que há do seu estado na tradição araguiense?

13–Na sua opinião a vinda de pessoas de outros estados para cá, foi boa ou ruim?

Razões?

14– Qual grupo mais contribuiu com o município?

15–No seu círculo de amizades, tem mais gente daqui ou de fora? De onde?

16– Das pessoas que vivem em Alto Araguaia quem você acha que fala bem? Porquê?

17- O que você acha do jeito de falar do povo do seu estado?

18-Quando alguém imita você falando o que você sente?

19-Entre os grupos citados, você seria capaz de saber de onde uma pessoa é só pelo jeito de falar? Quais?

20- O falar araguiense na sua opinião tem que origem?

21-Você lida com pessoas: mineiras, gaúchas, araguienses, paulistas, baianas e goianas? SIM () NÃO ()

Elas são diferentes em algum ponto? _____

Quais falam melhor? _____

Quais falam pior? _____